

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

QUE FIZERAM “ELLAS”?
As Filhas de Maria e a *Boa Imprensa* no Recife, 1902-1922

WALTER VALDEVINO DO AMARAL

Recife
2010

WALTER VALDEVINO DO AMARAL

QUE FIZERAM “ELLAS”?
As Filhas de Maria e a *Boa Imprensa* no Recife, 1902-1922

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências de Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e co-orientação do Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral.

Recife
2010

A485q

Amaral, Walter Valdevino do

Que fizeram "ellas"? : as filhas de Maria e a boa imprensa no Recife, 1902-1922 / Walter Valdevino do Amaral ; orientador Luiz Carlos Luz Marques ; co-orientador Newton Darwin de Andrade Cabral, 2010.

100 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2010.

1. Igreja católica. 2. Pia União das Filhas de Maria. 3. Mulheres - Vida religiosa. 4. Comunicação de massa. I. Título.

CDU 271

WALTER VALDEVINO DO AMARAL

QUE FIZERAM “ELLAS”?
As Filhas de Maria e a *Boa Imprensa* no Recife, 1902-1922

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências de Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e co-orientação do Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral.

Aprovada em 26 de março de 2010

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques – Orientador (UNICAP)

Prof. Dr. Ferdinand Azevedo, S.J. – Examinador interno (UNICAP)

Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza – Examinadora externa (UMESP)

Recife
2010

À

Minha mãe, Maria do Socorro, por se fazer presente em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro, pelos primeiros ensinamentos no campo da pesquisa científica.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e ao Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, pela atenção, dedicação e orientação durante o processo de elaboração deste trabalho.

Aos professores Drance Elias, Ferdinand Azevedo, Gilbraz Aragão, Marcos Nunes e a professora Zuleica Dantas (Universidade Católica de Pernambuco), ao professor Paulo Barrera e a professora Sandra Duarte (Universidade Metodista de São Paulo), por terem feito da sala de aula um verdadeiro ambiente de aprendizagem.

Aos colegas da turma do mestrado: Adauria Medeiros, Aderson Viana, Ivemar Pontes, Cláudia Lima, Francisco Sales, Gilvania Nascimento, João Monteiro, Lucas Leite, Luis Carlos Pacheco, Luiz Cláudio Barroca, Maria Piedade Azevedo e Moises Germano, pois as experiências, de vida e profissional, de cada um destes, fez a diferença nas aulas.

Aos funcionários do Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano, Biblioteca da Arquidiocese de Olinda e Recife, Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco e da Confederação das Filhas de Maria da Arquidiocese de Olinda e Recife, pelo suporte dado na pesquisa documental e bibliográfica desta dissertação.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro concedido a esta pesquisa.

Por fim, às amigas Giselle Moraes e Luciana Seabra, e ao amigo Thulio Aquino, por terem compartilhado comigo, momentos de felicidade e angústia, nestes dois anos de mestrado. Sim! Agora posso responder a pergunta que vocês, me faziam, quase que diariamente, nos últimos meses: “Ei menino, terminasse?”, Sim, terminei.

O fim da Pia União das Filhas de Maria, além de consistir na produção da maior gloria de Deus e do augmento da devoção para com a Virgem Immaculada, consiste também em proteger a innocencia das jovens, em defender a sua tenra idade do pestifero contagio do mundo, e em leval-as, por meio de conselhos e de praticas religiosas, ao exacto cumprimento dos deveres que teem a cumprir para com Deus, para com o proximo e para consigo mesmas; e ainda leval-as á consecução de uma sólida virtude christã, sob a guarda fidelissima da Immaculada Rainha do Céu, e segundo os luminosos exemplos da jovem martyr Santa Ignez.

Manual da Pia União das Filhas de Maria

RESUMO

Nosso estudo, *QUE FIZERAM “ELLAS”? As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922*, teve por objetivo analisar a participação das jovens associadas da Pia União das Filhas de Maria, na imprensa católica, durante as duas primeiras décadas do século XX, no Recife. A atuação das Filhas de Maria interessa às Ciências da Religião, pelo fato de que suas associadas ao mesmo tempo em que defendiam e propagavam estruturas conservadoras de origem religiosa, como a moral, os bons costumes e a vida no lar, também se destacaram por exercerem atividades leigas e modernas, como uma forte participação na imprensa católica. Nesta análise estabelecemos a relação entre o particular (a associação) e o geral (a sociedade). Assim, analisamos documentos específicos da Pia União das Filhas de Maria, bem como documentos referentes a sociedade como um todo. Como referencial teórico, adotamos o conceito de *habitus*, proposto por Pierre Bourdieu; e a ideia de *disciplina*, sugerida por Michel Foucault. Isso nos permitiu uma melhor compreensão das estruturas da Pia União, e da atuação de suas sócias na imprensa. Ao final deste trabalho, chegamos a conclusão de que a presença das Filhas de Maria no campo da imprensa foi uma conquista destas jovens devido aos exemplos de vida e devoção das mesmas, bem como de seus esforços na propagação da *boa imprensa* neste período.

Palavras-chave: Igreja Católica; Modelos Eclesiais; Meios de Comunicação; Mulher; Poder.

ABSTRACT

Our study, *WHAT ARE "THEY" DOING? The Daughters of Mary and the Good Press in Recife, 1902-1922*, analyzes the participation of the young members of the Pious Union of the Daughters of Mary, in the catholic press during the two first decades of the Twenty- First Century in Recife. The activity of the Daughters of Mary interests the Sciences of Religion because while defending and propagating conservative religious structures as well as good customs and family life, they were also engaged in modern activities in the participation in the catholic press. In this analysis we establish the relation between the part (an association) and the whole (society). Using the idea of *habitus* of Pierre Bourdieu and the concept of discipline from Michel Foucault, we analyze specific documents of the Pious Union of the Daughters of May as well as those referring to society at large. This gives us a better comprehension of the structures of the Pious Union and the activity of their members in the press. In conclusion, we show that the presence of the Daughters of Mary in the press was a victory for them due to examples of their life and devotion as well as their efforts in the propagation the *good press* in this period.

Keywords: Catholic Church; Ecclesiastic Models; Mass Media; Woman; Power.

LISTA DE QUADROS

Figura 1 – Programa do Primeiro Congresso Católico de Pernambuco	29
Figura 2 – Ramalhetes das flores da virtude no Manual da Pia União das Filhas de Maria	53
Figura 3 – Corpo editorial do jornal <i>A Tribuna</i> (1906-1922)	70
Figura 4 – Corpo editorial da revista <i>Maria</i> (1913-1922)	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Santa Inês	36
Figura 2 – Capa do Manual da Pia União das Filhas de Maria	43
Figura 3 – Diploma do Manual da Pia União das Filhas de Maria	43
Figura 4 – Fita da aspirante	43
Figura 5 – Fita da associada	43
Figura 6 – Fita da liderança	43
Figura 7 – Medalha da Pia União das Filhas de Maria	44
Figura 8 – Participação das Filhas de Maria no cortejo da semana eucarística de 1919	45
Figura 9 – Pia União das Filhas de Maria da Igreja de Nossa Senhora da Penha, após festa comemorativa das bodas de prata da instalação da Confraria de Lourdes	46
Figura 10 – Pia União das Filhas de Maria da Matriz da Piedade, após uma reunião mensal	57
Figura 11 – Pia União das Filhas de Maria do Colégio Eucarístico no encerramento de um retiro espiritual	57
Figura 12 – Capa do jornal <i>Tribuna Religiosa</i>	69
Figura 13 – Capa da revista <i>Maria</i>	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. “ELLAS” ESTÃO CHEGANDO: A preparação do novo papel da mulher católica na sociedade	15
1.1 Os males da modernidade	15
1.2 Elites católicas e civis se unem pela família	18
1.3 As associações católicas como manutenção da fé e normatização social	22
1.4 O Primeiro Congresso Católico de Pernambuco e as Congregações Marianas	28
2. QUEM SÃO “ELLAS”? Organização e funcionamento da Pia União das Filhas de Maria	34
2.1 Origem da pia associação	34
2.2 Organização interna, hierarquia e rituais	37
2.3 Uma vida regrada	49
2.4 Purificando os corpos e elevando as almas	54
3. “ELLAS” TAMBÉM ESCREVEM: Mãos femininas, mentes católicas	59
3.1 Contra a imprensa, a imprensa	59
3.2 Os alicerces da imprensa católica em Pernambuco	63
3.3 <i>A Tribuna</i> e as Filhas de Maria	67
3.4 Revista <i>Maria</i> , imprensa feminina no Recife	73
3.5 Uma revista a serviço da normatização	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE	90

INTRODUÇÃO

Nas duas primeiras décadas do século XX, as mulheres recifenses tiveram um importante papel na manutenção e divulgação das doutrinas católicas na capital pernambucana. Com o intuito de expandir, de forma mais dinâmica, os seus conceitos éticos e morais, a Igreja Católica passou a conclamar, em seus periódicos, como o jornal *A Tribuna*, órgão da Arquidiocese de Olinda e Recife, uma maior participação das associações femininas, para a realização do trabalho da propagação dos mesmos, tanto dentro de seus lares como em sua vizinhança. Entre estas associações, destacava-se a Pia União das Filhas de Maria, destinada às jovens solteiras, de “boas famílias”¹, cuja principal finalidade era educar e preparar suas associadas, sob a espiritualidade mariana, para serem boas filhas, esposas e mães².

Os resultados produzidos pelas Filhas de Maria na divulgação da imprensa católica logo atraíram a atenção dos líderes eclesiásticos³, pois estas se destacavam, entre as participantes das outras associações, pelas inúmeras assinaturas que angariavam para *A Tribuna*. No entanto, a atuação destas jovens na imprensa católica não se restringiu simplesmente à divulgação dos jornais escritos por homens. As Filhas de Maria editaram o seu próprio periódico, a revista *Maria*, a qual tinha por finalidade a divulgação das doutrinas e normas da Igreja, e das atividades realizadas pelo grupo, facilitando a comunicação do clero com o público feminino.

Ressaltamos que, durante o período de nosso estudo, a Pia União das Filhas de Maria e os periódicos católicos foram utilizados pela a Igreja Católica como instrumentos de normatização da mulher e da sociedade recifense. Quando usamos a expressão normatização, nos referimos a uma tentativa de adequação e/ou

¹ Quando falamos “boas famílias”, nos referimos àquelas que pertenciam às classes mais abastardas, conservadoras e, sobretudo, católicas.

² Neste trabalho, nos referimos as Filhas de Maria no passado, pelo fato de nossos estudos estarem centrados no papel desenvolvido por elas no período compreendido entre 1902 e 1922, contudo, ressaltamos que, atualmente esta associação ainda está em atividade.

³ Pela expressão “líderes eclesiásticos”, entendemos todos os clérigos, na estrutura hierárquica da Igreja Católica (papa, bispos, párocos, superiores religiosos, assistentes eclesiásticos) que exercem o poder, chamado “de regime”, ou “de jurisdição” (o novo Código de Direito Canônico, de 1983, trata isso no título VIII, do Cânon 129 ao 144; este poder e esta nomenclatura, no entanto, são tradicionais na Igreja Católica). Cf. LIMA, Alessandro. **Apostolado Veritatis Splendor**: Livro I – Das normas gerais. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/article/3776>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

enquadramento, do sexo feminino e da sociedade em geral, a um *modus vivendi* idealizado pelas elites católicas e civis, o qual deveria ser implantado em todas as esferas sociais.

A dissertação *QUE FIZERAM “ELLAS”? As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922*⁴ é um desdobramento de uma pesquisa desenvolvida entre 08/2005 a 07/2006, no Programa Institucional de Base de Iniciação Científica, na Universidade Católica de Pernambuco, intitulada *Catolicismo romanizado, família e urbanização: as Filhas de Maria e a normatização da sociedade recifense, 1890-1922*, sob a orientação da Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro.

O nosso corte cronológico apresenta como marco inicial o ano de 1902, no qual foi realizado o Primeiro Congresso Católico de Pernambuco. Este evento é bastante significativo para o nosso estudo, pois os seus congressistas estabeleceram uma política de expansão das Congregações Marianas, da qual a Pia União das Filhas de Maria fazia parte, e de criação de um jornal católico para o Estado. Como corte cronológico final delimitamos o ano de 1922, correspondente ao fim do período de consolidação do catolicismo romanizado e ao início de um momento de reaproximação da Igreja Católica com a política, processo que ficou conhecido como restauração católica.

Neste trabalho, tomamos como referencial teórico o conceito de *habitus*, proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Para este autor, “o *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído⁵”. Ou seja, o *habitus* consiste numa matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade aos indivíduos.

⁴ Escolhemos, originalmente, como primeira parte do título de nossa dissertação, a expressão “Que pensam ellas?”, título de uma matéria publicada no jornal *Tribuna Religiosa*, em 31 de outubro de 1914, na qual as Filhas de Maria, eram incentivadas a atuarem mais intensivamente na vida social. Cf. TRIBUNA Religiosa. Órgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 39, 31 out. 1914. p. 01. Contudo, no decorrer das pesquisas, os documentos encontrados não nos revelaram subsídios suficientes para que realizássemos uma análise acerca dos discursos das Filhas de Maria, como esperávamos. Esta mesma documentação nos direcionou ao estudo da atuação destas jovens na imprensa católica e, a conseqüente mudança do título. Mesmo assim, decidimos ainda manter o “ellas” com a grafia original, uma vez que nosso trabalho busca reconstruir o que fizeram aquelas Filhas de Maria, do início do século XX.

⁵ BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 158.

Também utilizaremos o conceito de *disciplina*, proposto pelo filósofo e historiador Michel Foucault. Para ele, “disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas”⁶. A partir desse conceito, compreendemos a construção de um lugar balizado pela doutrina da Igreja Católica, que normatizava os corpos das Filhas de Maria, oferecendo um espaço para que elas exercessem seus papéis de mulher e de fiel. Dentro dessa lógica disciplinar dos sujeitos, o autor afirma que:

A doutrina [oriunda da disciplina] liga os indivíduos a certos tipos de enunciação de lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros⁷.

Assim, a partir da construção de um modelo de Filha de Maria, observamos como a Igreja, através da Pia União das Filhas de Maria, construiu o papel da mulher católica, impondo-lhes uma série de práticas e normas para diferenciá-las das outras mulheres que não faziam parte desta associação, dando-lhes um espaço (vigiado) de atuação, no qual seriam guardiãs e propagadoras da fé e doutrina católica.

Estruturamos este trabalho em três capítulos. No primeiro, intitulado “*ELLAS ESTÃO CHEGANDO: A preparação do novo papel da mulher católica na sociedade*”, mostramos o discurso dos líderes eclesiais em relação aos “males” da modernidade, a aproximação entre as elites católicas e civis em prol de uma normatização da sociedade recifense, a importância das associações católicas neste processo de normatização, e por fim, como o Primeiro Congresso Católico de Pernambuco foi decisivo para a difusão dessas associações na cidade do Recife.

No segundo capítulo, *QUEM SÃO “ELLAS”? Organização e funcionamento da Pia União das Filhas de Maria*, analisamos o surgimento da Pia União das Filhas de Maria, a sua organização, a sua estrutura interna, os seus ritos de iniciação, as suas regras comportamentais e devocionais, numa tentativa de mostrar como esta associação foi fundamental para a formação de normas a serem seguidas pelas jovens católicas.

⁶ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 191.

⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 43.

No último capítulo, “*ELLAS*” *TAMBÉM ESCREVEM: Mãos femininas, mentes católicas*, realizamos uma discussão sobre a *boa imprensa* e as suas estruturas, analisando de que maneira o Primeiro Congresso Católico de Pernambuco foi decisivo para a criação de um jornal católico no estado de Pernambuco. E, por fim, analisamos a atuação das Filhas de Maria como propagadoras do jornal *A Tribuna*, o surgimento da revista *Maria*, e como esta revista foi utilizada para propagar algumas normas, propostas pela Igreja Católica, para a sociedade recifense.

Utilizamos como fontes primárias os *Anais da Obra dos Congressos Católicos em Pernambuco*, o *Manual da Pia União das Filhas de Maria*, a revista *Maria* e os jornais *A Tribuna*, *O Dia*, *Jesus Redemptor* e *A Razão*. Estes documentos foram fundamentais para a realização desta pesquisa, pois forneceram informações sobre a política de criação e expansão das associações católicas e da *boa imprensa*, a organização e funcionamento das Pias Uniões das Filhas de Maria e das questões políticas, sociais e culturais da Igreja Católica durante o período compreendido entre 1902 e 1922.

Em todas as citações desta dissertação, optamos por manter a grafia no original.

1. “ELLAS” ESTÃO CHEGANDO: A preparação do novo papel da mulher católica na sociedade

As congregações marianas são uma grande influencia social, um grande poder religioso. Já é tempo de atiral-as ao vasto campo da luta. Já é tempo de dizer ás Filhas de Maria: sim rezai, porque orar é procurar força, vida e luz; mas tambem agi⁸.

1.1 Os males da modernidade

No final do século XIX ocorreram, no Brasil, diversas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, sintonizadas com as mudanças que vinham ocorrendo com a expansão das práticas capitalistas européias. Tais ideias advindas do processo de industrialização, a partir de 1850, capitanearam novos investimentos em tecnologia, o aumento da produção, a inserção do trabalho feminino e infantil no mundo urbano, a construção de rodovias, a procura por novos mercados consumidores e a afirmação do liberalismo como ideário burguês⁹.

Este processo socioeconômico está imbricado em inúmeras outras dimensões do processo que convencionamos chamar de modernidade, cujas idéias principais são “progresso, evolução, liberdade, democracia, ciência e técnica”¹⁰. A arte, a moda, a arquitetura, a etiqueta, entre tantos aspectos do final do XIX e início do século XX, retrataram a busca de novas linguagens para traduzir as dinâmicas mudanças trazidas pelas novas técnicas. Chamamos a esse período sedutor, pleno de turbulências culturais, de *belle époque*. Nele a

civilização e modernidade convertiam-se em palavras de ordem; viravam instrumentos de batalha, além de fotografias de um ideal alentado. O Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações. Sem dúvida esse é um tempo que apostou em verdades absolutas, em normas morais rígidas, na

⁸ QUE pensam ellas?. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 39, 31 out. 1914. p. 01.

⁹ HOBBSBAWN, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 325.

¹⁰ PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 34.

resolução de todos os imponderáveis, e fiou-se em modelos que distinguiam, de forma insofismável, o certo do errado¹¹.

No entanto, nem todas as camadas sociais vivenciaram a proposta da modernidade com o mesmo entusiasmo, pois se tratava de ideias que privilegiavam os bem nascidos, os intelectuais, os civilizados etc. Para estes, a noção corrente de modernidade estava relacionada a melhoramentos urbanos, higienismo, tecnicismo, implantação de noções de ética do trabalho e normatização dos costumes. Esta concepção de modernidade era compartilhada pelos detentores do poder religioso e civil. Já para as classes inferiores, a modernidade trazia outras questões:

Marco paralelo é a expulsão da população pobre que habitava os casarões da região central: era a ditadura do “bota-abaixo”, que demolia residências e disseminava as favelas, cortiços e hotéis baratos – os “zunga” –, onde famílias inteiras deitavam-se no chão. Isso para não falar da repressão às festas populares e procissões que passavam, igualmente, por esse “processo civilizatório”: saía o entrudo, entrava o limpo Carnaval de Veneza¹².

Naquele momento a vida cotidiana conheceu também uma maior influência dos meios de comunicação social sobre a população, oferecendo maiores oportunidades de lazer, através dos clubes recreativos, salões de baile, teatros e cinemas e novos espaços de trabalho, através das fábricas e do setor de serviços; assim, paulatinamente, a vida cotidiana foi deixando para trás o espaço privado em busca do espaço público.

A crescente influência destes meios de comunicação social no cotidiano da sociedade brasileira logo despertou a atenção da hierarquia eclesiástica, cuja reação se fez sentir através de repetidos brados de alerta endereçados aos católicos¹³. No discurso do clero e das elites governantes, estes locais tornaram-se alvos de constantes ataques de uma política normatizadora dos poderes religioso e civil, pois eram tidos como os principais responsáveis pela propagação da imoralidade e da desvalorização da família na sociedade.

¹¹ COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890–1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 13-14.

¹² *Ibid.*, p. 28.

¹³ AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 101-134.

O artigo *Vergonhoso e Deprimente*, publicado no dia 26 de maio de 1921, pelo jornal *O Dia*¹⁴, nos revela o posicionamento da Igreja Católica sobre estes novos ambientes de lazer:

A dissolução de costumes alastra-se rapidamente, pompeiando impudente e debochada. [...] Tudo está sendo avassalado nem mesmo as jovens, que serão as mães de amanhã têm resistido aos exemplos corrosivos. [...] Deprime-se a moral, zomba-se da Religião e seus ministros; rebaixa-se a virtude e exalta-se o vício, ridicularisa-se o amor sagrado da família e endeusa-se o amor venal. [...] Paes de família, vós que vos ufanas do nome de catholicos, a vós pertence tomar a providencia que se impõe.

Não consitaes que vossos filhos usem vestes escandalosas, tomem parte nessas danças modernas, que são a plenitude da immoralidade, frequentando casas de espectaculos, que são a escola do vicio.

Em vossas mãos está o destino da sociedade e quiçá da Patria¹⁵.

Outro artigo, *A suggestiva escola do crime*, publicado naquele mesmo ano pelo jornal *A Razão*¹⁶, mostra que a posição da hierarquia eclesiástica sobre estes novos meios de comunicação social, também era compartilhada por jornalistas leigos; como podemos ver abaixo:

Quem não conhece, por ventura, o que é cinema? Todo mundo o conhece, o frequenta. É parte integrante do systema de vida tanto do proletario como do burguez, tanto do aristocrata como do prebeu, tanto do homem popular como do homem arregimentado na escola das suas prosapias e basofias. [...] O cinema é um coxo moral, é a escola do crime é o mestre da sedução.

Entre nós, o cinema instituiu duas maneiras de suggestionar os espectadores incautos: o punhal e o beijo. Duas correntes opostas mas que concorrem para o mesmo plano inclinado das degenerescencias moraes.

D'est'arte, já que não é possivel afastar os adultos dessa escola onde se presencia tantas cousas que ainda se ignoram cuide-se, com interesse e extremado amor da educação das creanças, ou afastando-as do contacto do cinema, para que o seu moral em formação não se corrompa prematuramente, que muitas dellas poderão ser homens de Bem, ou se creando sessões especiaes para

¹⁴ Este jornal pertencia a Matriz da Piedade, a sua publicação era dedicada a propagação da doutrina e da vida social idealizada pela Igreja Católica.

¹⁵ VERGONHOSO e deprimente. *O Dia*: Órgão da matriz da Piedade. Recife, ano 2, n. 09, 26 mai. 1921. p. 02.

¹⁶ Este jornal era um órgão independente, que dedicava a sua publicação a questões políticas, econômicas, sociais e religiosas dos recifenses.

ellas, de fitas que desenvolvam sentimentos sadios, prenhes de lições moralisadoras e altamente instructivas¹⁷.

Como podemos observar em ambos os jornais, tanto o confessional quanto o laico, havia uma grande preocupação dos detentores do poder em relação às transformações socioculturais que os clubes recreativos, salões de baile, teatros e cinemas representavam para a sociedade. Pois, na perspectiva destes, os meios de comunicação social eram os principais responsáveis pelo crescimento da imoralidade, desvalorização da família, aumento dos vícios alcoólicos, aumento dos divórcios e tantos outros “males” que vinham corrompendo o bem-estar social.

1.2 Elites católicas e civis se unem pela família

No início do século XX, a modernidade vivida pela elite recifense, bem como o catolicismo praticado por este mesmo segmento, longe de se contraporem, complementaram-se e apoiaram-se mutuamente quando o assunto era reordenar e disciplinar a sociedade. A preocupação com os fundamentos de ordem religiosa e social foi o princípio que estabeleceu uma aproximação entre os poderes eclesiásticos e civis, apesar do discurso dominante, de absoluta separação entre *trono e altar*, vitorioso após 1889, com a proclamação da República. Segundo a historiadora Emanuela Ribeiro,

neste ponto convergiam os dirigentes da sociedade civil e os da sociedade religiosa, ambos pretendiam evitar desordem, confusão, perturbação da paz social, inquietação das consciências, e, portanto, reconheciam a necessidade de disciplinar a sociedade civil, cujos indivíduos eram, com efeito, os mesmos fiéis que fazem parte da sociedade religiosa¹⁸.

Na capital pernambucana, a relação entre as elites religiosas e civis, era o que podemos chamar de uma *relação de boa-vizinhança*, uma vez que ambas reconheciam a força e a importância que, mutuamente, exerciam na sociedade. No folheto *Jesus Redemptor: Jesus Christo Vence! Jesus Christo Reina! Jesus Christo Impera!*, publicado no dia 4 de novembro de 1900, por ocasião das comemorações

¹⁷ RABELLO, Fausto. A suggestiva escola do crime. **A Razão**: Orgão independente. Recife, ano 2, n. 11, 02 jan. 1921. p. 01.

¹⁸ RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e modernidade no Maranhão, 1889-1922**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. p. 17.

da virada do século XIX para o XX, observamos que a Igreja Católica buscava manter uma aproximação particular com os detentores do poder, pois o convite para a *Grande Romaria* foi posto da seguinte forma: personalidades eclesiásticas, políticas, militares, jurídicas, senhores e senhoras de “boa família” e por fim a todos que fazem parte da sociedade recifense¹⁹.

Ressaltamos que, no convite, a Igreja se preocupou em não excluir nenhum segmento da sociedade, pois os líderes eclesiásticos acreditavam que todos os segmentos sociais deveriam estar envolvidos no processo de normatização do cotidiano familiar.

Naquele momento, era constante, por parte das elites sociais das principais capitais do Brasil, como a cidade do Recife, pretenderem delimitar seus espaços sociais e estabelecer seus próprios modelos de comportamento e de família, pois os modelos serviam para legitimar a desigualdade, ou melhor, criar referências que as distinguissem do restante da população²⁰. Já os eclesiásticos desejavam construir espaços sociais em que harmoniosamente convivessem a religião católica e a sociedade moderna. A criação destes novos espaços fazia parte do processo de reestruturação da sociedade na República, recentemente constituída.

Através de vários argumentos, principalmente os de cunho moral, os discursos dos membros da alta sociedade se atrelaram ao discurso da Igreja Católica, no sentido de consolidar um modelo normativo de família, no qual caberia ao homem prover o sustento da família, e à mulher cuidar do lar e educar os filhos. Este modelo de família tinha como um dos seus principais objetivos fazer com que a sociedade se voltasse mais para a vida no lar, pois as novidades da vida urbana (como os cinemas e os salões recreativos) estavam cada vez mais atraindo as pessoas para uma “vida mundana”.

No que diz respeito à família, podemos dizer que a principal proposta dos detentores do poder foi a divisão de papéis no modelo da família nuclear, segundo a qual à mulher cabia o papel de esposa-mãe-educadora e ao homem o de esposo-pai-provedor; nesta proposta o núcleo familiar encolhia e a família ideal passaria a ser composta apenas de pai, mãe e filhos.

¹⁹ AMARAL, Mons. Marcolino P. do. A grande romaria: convite religioso. **Jesus Redemptor**: Jesus Christo vence! Jesus Christo reina! Jesus Christo impera!, Recife, 4 nov, 1900. p. 2.

²⁰ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 278-321.

Para a Igreja Católica, o modelo da família nuclear elevaria o sentido dos cônjuges, pois, ao homem, “a família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes”²¹. Enquanto à mulher estava reservado um papel de destaque e valorização, pois, ela representava em cada lar, o papel de

mãe, irmã, esposa e filha, o conjunto de afeições que podem unicamente ligar todos os membros da associação elementar assim, constituída; e, considerando, pois, que a felicidade e a moralidade da espécie humana depende sobretudo da mulher, cujo destino doméstico se resume, então, em exercer sobre o homem os diversos gêneros de influência espiritual, de forma a lhe inspirar as disposições mais convenientes as suas funções públicas²².

Tanto o discurso do clero quanto o do laicato mais intelectualizado davam ênfase à preservação dos valores familiares. Na matéria *A Família*, publicada em 1º de dezembro de 1910, no jornal *A Família*²³, notamos a preocupação do autor em demonstrar a importância da preservação dos valores familiares, para o bem-estar da sociedade, pois “indubitavelmente, a família é a égide dos povos, a sua revelação de cultura e o termómetro de sua civilização. Na organização da família, nas garantias com que a cercam as leis, é que residem, em síntese, a moral social e a moral philosophica”²⁴.

Ao insistir na tradição familiar, os líderes eclesiais e as elites sociais desejavam efetivamente construir um caminho que reordenasse a sociedade, em oposição àquelas transformações socioculturais, as quais eram responsáveis pela desordem e anarquia social e, ao mesmo tempo, favorecer o surgimento de uma tradição da família nuclear com papéis bem definidos, de forma a que, esta fosse normatizada, graças, principalmente, à atuação das mães cristãs.

²¹ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 61.

²² CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Sexualidade e poder na belle époque de Porto Alegre**. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 1994. p. 81.

²³ Este jornal era um órgão independente, tinha como subtítulo “órgão literário, noticioso e evolucionista”, mas, a sua publicação era quase que exclusivamente dedicada a matérias em defesa da família tradicional e críticas as novidades da *belle époque*.

²⁴ A FAMÍLIA. **A Família**. Órgão litterario, noticioso e evolucionista. Recife, ano 1, n. 01, 01 dez. 1910. p. 01.

Parte do laicato masculino já parecia estar enquadrado através de associações e de intenso trabalho intelectual sob a égide da Igreja, a questão era convencer a mulher, a qual passaria a ser o centro de todo um esforço de propagação de um novo modelo de família, orientado para a intimidade do lar, no qual deveriam ser cultivadas as virtudes da fina flor social. O novo modelo de família concretizaria o sentido do homem e da mulher, tanto para a Igreja Católica como para as classes mais abastardas da sociedade recifense, uma vez que,

A família prende o homem ao seu trabalho; eleva-o aos maiores sacrifícios, fornecendo-lhe as melhores energias para tudo conseguir. A família so ennobrece quando se constitue o alvo principal das conjecturas de seu chefe que, animado pelas felicidades proporcionadas, trabalha, conjugado o esforço com o brio, até vencer. [...] Tem uma periferia tão ampla; gira de modo tão extraordinario, que abrange toda uma organização politica, todo um corpo social, um paiz ou uma nacionalidade²⁵.

A contribuição da mulher, por sua vez, seria a de manter a felicidade e a harmonia dentro do lar: “a mulher esposa é, pois, uma creatura providencial. [...] A mulher no pensamento divino complementa o homem, é sua companheira, sua auxiliar”²⁶. A ela também cabia a função de propor uma boa educação aos filhos, formando, assim, bons cidadãos para o futuro da sociedade, pois, “é sobretudo a mãe christã na paz harmoniosa do lar que é uma escola e um templo, que cabe o ministerio nobilissimo de salvar a sociedade combalida, salvando a creança por uma sadia e luminosa educação moral”²⁷.

Para a sociedade recifense, que até então era extremamente patriarcal, o modelo da família nuclear representava uma verdadeira inovação do mundo moderno, pois a partir deste modelo a mulher passou a assumir um novo papel dentro da família. Ressaltamos que o papel de esposa-mãe-educadora proporcionou uma maior valorização da mulher na sociedade, pois ela representava, a partir de dali, a principal transmissora dos bons costumes dentro da instituição familiar. Toda a nova ordem social precisaria desta mulher:

²⁵ Ibid., p. 01.

²⁶ ESPOSA. **Tribuna Religiosa**: Orgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 09, 14 mar. 1914. p. 01.

²⁷ MÃE Christã. **Tribuna Religiosa**: Orgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 02, 24 jan. 1914. p. 01.

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público²⁸.

Para a Igreja Católica, a mulher era compreendida como um refúgio da pureza da fé, um elemento de salvação, em um momento em que esta instituição enfrentava certo declínio em sua influência na vida social e política. Portanto, intensificou a sua aproximação com as mulheres, convidando-as a participar mais ativamente da vida socioreligiosa. Segundo o historiador e filósofo Riolando Azzi, um dos principais “instrumentos utilizados nessa época para manter as jovens e senhoras dentro dos padrões religiosos e morais desejados pela instituição eclesiástica foi a difusão de associações religiosas”²⁹.

1.3 As associações católicas como manutenção da fé e normatização social

Nas primeiras décadas do século XX, aumentaram os incentivos para a formação de diversas associações religiosas (tanto masculinas como femininas) nas paróquias da cidade do Recife. Estes grupos representaram um importante papel no desempenho nos trabalhos eclesiásticos, pois ofereciam uma maior dinamização dos trabalhos dos padres nas comunidades onde suas paróquias estavam inseridas, mostrando-se como verdadeiros “tentáculos socioreligiosos”, no que se refere à propagação e difusão dos conceitos éticos e morais da Igreja Católica.

Neste processo, os párocos contaram com o apoio de periódicos católicos, como o jornal *Tribuna Religiosa*³⁰, que, em um artigo intitulado *Associações*, por ele publicado em 9 de novembro de 1912, revela os principais argumentos utilizados pelo clero para justificar a formação de novas associações:

²⁸ RAGO, op. cit., p. 62.

²⁹ AZZI, op. cit., p. 115.

³⁰ Falaremos sobre este periódico no terceiro capítulo, intitulado “*ELLAS*” *TAMBÉM* *ESCREVEM*: *Mãos femininas, mentes católicas*.

Associar, reunir, congregar almas, cheias de fé e zelo, para o bem, para ensinar o reino de Deus é sem duvida uma das mais bellas e fecundas formas do apostolado christão.

O bem inestimavel que as associações têm prestado á Egreja, é um argumento potente em favor da utilidade e necessidade desses nucleos de acção religiosa.

A acção individual jamais terá o raio da actividade colectiva bem orientada e permanente.

Nos ultimos tempos se tem propagado por toda parte esse espirito associativo como arma de propaganda e combate. [...] Nos nossos meios religiosos abundam as associações para senhoras.

Longe de nós esconder o fugor religioso que se irradia dessas legiões de virtude que tanto bem fazem em nossas parochias.

É de admirar o zelo e actividade que desenvolve essas associações feminis nas festas, nas missões, nos catecismos.

Os nossos parochos têm ao seu lado verdadeiros apóstolos. As senhoras alistadas nessas diversas sociedades, animadas do espirito christão, exercem um ministerio com paixão de sacerdote³¹.

Através deste enquadramento de leigos em suas diversas associações religiosas (masculinas ou femininas), o clero tornou-se capaz de operar o trabalho molecular, através do qual o catolicismo romanizado³² atingiu as grandes massas populares e também as elites sociais e culturais; estas associações foram fundamentais para a difusão dos conceitos éticos e morais estabelecidos pela Igreja Católica³³.

Os membros destas associações religiosas eram estimulados pelo assistente eclesiástico – e também pelos membros da diretoria da associação, geralmente pessoas mais próximas e de confiança do assistente eclesiástico – a frequentarem as missas, a participarem dos sacramentos, a praticarem os atos de piedade próprios à sua associação, a fazerem leituras religiosas, e a cumprirem estritamente seus deveres morais e éticos com o próximo e, principalmente, com a própria

³¹ ASSOCIAÇÕES. **Tribuna Religiosa**: Órgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 6, n. 42, 09 nov. 1912. p. 01.

³² Segundo o historiador Newton Darwin de Andrade Cabral, o catolicismo romanizado: “tratava-se de considerar como modelo eclesiástico válido um que tivesse como traços essenciais a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos, o senso de hierarquia eclesial e a preocupação com a doutrinação”. Cf. CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar**: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956. Recife: FASA, 2009. p. 161.

³³ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religião e dominação de classe: o caso da “romanização”. In: _____ (Org.). **Religião e dominação de classe**: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 182-183.

família. A influência destas associações se irradiava através da família, motivo pelo qual a socialização religiosa se fazia principalmente por meio feminino³⁴.

Na esfera social, as associações católicas tornaram-se notórias devido a sua capacidade de conseguir reunir membros das principais famílias em um mesmo grupo de interesses, multiplicando cada vez mais seus adeptos em defesa da tradição familiar, da ética e da moral, não só cristã, mas também civil; destacando-se também pelas atividades beneficentes. Neste sentido, cumpriram um papel de cimentação social, de conservação da unidade ideológica das camadas sociais, especificamente da elite.

Assim, podemos inferir que elas, obviamente, para poderem atuar, criaram laços entre seus membros, dando um novo sentido a atuação do fiel dentro da Igreja, elaboraram uma identidade a partir de ritos e práticas e de sua atuação na sociedade. Isso demonstra o pensamento de Bourdieu acerca da criação de um *habitus*, conceito que explica as principais características que dão sentido a existência de um grupo, ao mesmo tempo em que, o ajuda a se diferenciar perante outros. Para este autor, todo esse processo é:

produto de um trabalho social de nomeação e inculcação, ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas linhas de demarcação mística, conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada³⁵.

A partir dessa teoria de Bourdieu, compreenderemos, de que forma se processou a criação dessas organizações laicas, a sua função dentro da hierarquia da Igreja Católica e o processo de elaboração do seu *habitus*, a partir da análise de seu percurso, dando primazia para as associações femininas e o papel da mulher no catolicismo recifense do início do século XX, na representação das Filhas de Maria, cerne dessa pesquisa.

A criação das associações laicas aumentou a capacidade de reunir um maior número de pessoas em torno de um objetivo comum, proporcionou aos líderes eclesiais uma posição mais privilegiada na sociedade civil brasileira,

³⁴ Ibid., p. 182-183.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 63-64.

possibilitando, assim, o surgimento de uma nova comunidade católica, mais fortalecida diante de um Estado laico.

Setores da Igreja Católica começavam a evidenciar alguma consciência do poder que estava sendo gerado em suas associações, compreendendo que, além de núcleos religiosos, estas associações teriam influência na vida social. O reconhecimento do alcance e do poder das novas associações religiosas fez com que o clero não mais se intimidasse diante dos novos líderes políticos republicanos, e passasse a argumentar sobre a influência que poderiam exercer, buscando demonstrar aos detentores do poder político, benefícios do catolicismo para a ordem e o bem-estar social:

É inexplicável que a linguagem rude das estatísticas não tenha ainda conseguido convencer aos detentores do poder publico, da necessidade de ministrar-se á massa popular uma solida instrucção religiosa. As estatísticas mostram que sob ou desce o thermometro da criminalidade conforme desce ou sob o seu sentimento religioso o seio da multidão³⁶.

Num segundo momento, parcela dos líderes eclesiásticos, adotaram novas estratégias de caráter coercitivo, pois passaram a demonstrar que não só possuíam uma consciência política, mas que a conheciam e estavam prontos a utilizá-la quando fosse necessário:

É engano, para não dizer uma aberração do senso commum pervertido, pensar que a nós catholicos, como taes estamos inhibidos de intervir na formação das leis. D'ahi a necessidade que os catholicos têm de intervir junto dos poderes públicos, para que estes exerçam suas funcções com imparciabilidade e justiça, e, quando por excesso de autoridade pertubem a vida regular, solicitar com firmeza a desistencia de taes actos. Devem se convencer os catholicos do valor que tem nas democracias modernas, o voto livremente emittido; e, mediante o exercicio do direito eleitoral, influir para uma orientação prudente e bem definida³⁷.

³⁶ SUB tegmine fagi. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 5, n. 5, 4 fev. 1911. p. 02.

³⁷ O MOMENTO. **Tribuna Religiosa**. Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 6, n. 34, 14 set. 1912. p. 01.

Esta característica política pode ter sido o motivo do significativo aumento no número de homens para as associações católicas, uma vez que, ser membro de uma alguma associação católica, além de *status* na sociedade, poderia significar um verdadeiro “trampolim” para a vida política ou mesmo uma ameaça para aqueles que tivessem e/ou pretendessem entrar na vida política.

Apesar da importância das associações masculinas, as associações femininas foram nitidamente superiores, tanto em número quanto em trabalhos realizados em prol da Igreja; e isto por dois motivos: primeiro, porque o contingente de católicos praticantes naquele período era constituído principalmente pelo sexo feminino; segundo, porque, para muitas mulheres, ser membro de uma associação religiosa representava assumir uma identidade na sociedade, uma vez que “à margem da tentativa de controle e moralização por parte da Igreja, as associações, muitas vezes, constituíram um lugar de construção de laços de solidariedade que, a revelia da intenção do clero, permitiam a mulher uma participação na vida pública”³⁸.

Desta forma, ao abrir espaço para as mulheres em suas associações, a Igreja Católica, sem abrir mão de seus interesses, proporcionou maior inclusão social feminina, ou seja, concedeu às mulheres a oportunidade de participar da vida pública, pois quando o clero julgava importante a atuação das mulheres em questões de cunho político, social, cultural ou moral, a própria instituição incentivava a ação das suas associadas:

A hora presente é uma hora de trabalhos, de esforços, de batalha.
De todos as partes surge o inimigo, audaz e perseverante.
A sociedade é assaltada de mil maneiras.
É necessario, pois, formar e organizar resistencias denodadas ao assalto da moral.
Ao sexo fragil, que é forte pela mesma fraqueza, compete um importante papel na batalha de Deus contra os seus advesarios.
Positivamente, o combate será o da prece, será o da esmola, será o do ensino, será o da actividade e do zelo nas obras sociais, será o dos protestos individuaes e publicos, será a diffusão das boas obras e dos bons jornaes, etc.
É preciso que a mulher, conscia de sua grandeza moral e do seu valor, se apresente na arena social para defender a Fé que a arrancam de sua abjecção para entronizal-a no solio de sua realeza de Filha, de Mãe e de Esposa.

³⁸ BRION, Ioneide Maria Piffano. **As Filhas de Maria**: Uma história social da Pia União. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2009. p. 41.

As Filhas de Maria não julquem que a sua missão tem o simples fim de trabalhar pela própria perfeição. Cumpre irradiar do seu coração piedoso, nobre e forte uma projecção de bem, de virtude, zelo para iluminar a terra de muitas consciências norteando-as para o Céu³⁹.

Para a Igreja Católica, a presença feminina era fundamental no sentido de que as mulheres poderiam educar e preparar seus filhos segundo as tradições católicas, sendo, dessa forma, as encarregadas da preservação das famílias dentro da ordem tradicional. As mulheres que faziam parte de uma associação religiosa eram vistas pela sociedade como piedosas, guerreiras da fé, conservadoras e propagadoras dos bons costumes, o que as tornava verdadeiros exemplos a serem seguidos.

Entre as associações católicas destinadas ao público feminino, existentes nas paróquias do Recife, durante o período compreendido entre 1902-1922, encontramos: Apostolado da Oração, Mães Cristãs, Pia União das Filhas de Maria, Coração Eucarístico, Senhoras de Caridade, Doutrina Cristã, Associação do Rosário e Associação de Nossa Senha das Vitórias. Dentre estas destacamos a Pia União das Filhas de Maria, a qual era destinada às jovens solteiras, de “boas famílias”, e tinha por finalidade educar e preparar as suas sócias, sob a espiritualidade mariana, para serem boas filhas, esposas e mães.

O registro mais antigo sobre esta associação na capital pernambucana é o documento de *Aprovação do Excmo. e Revmo. Sr. Bispo de Pernambuco*⁴⁰, datado de 6 de agosto de 1886, quando o Bispo da Diocese de Olinda⁴¹, Dom José Pereira da Silva Barros⁴², aprovou o *Manual da Pia União das Filhas de Maria*, no qual afirma, desejar “ardentemente que a devoção da mocidade pelo culto a Virgem Immaculada se propague por toda esta diocese de modo uniforme”⁴³. A implantação

³⁹ AS FILHAS de Maria. **Tribuna Religiosa**: Órgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 5, n. 26, 01 jul. 1911. p. 01. Grifo nosso.

⁴⁰ Conferir este documento na íntegra no Apêndice D.

⁴¹ A Diocese de Olinda, a terceira mais antiga do Brasil, criada como prelazia em 1614 e como diocese em 1676, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana pelo *Decreto da Sagrada Congregação Consistorial*, no dia 05 de dezembro de 1910. A partir de 26 de julho de 1918, com Bula *Cum urbs Recife*, do Papa Bento XV, passou a denominar-se Arquidiocese de Olinda e Recife. Cf. HISTÓRIA. Arquidiocese de Olinda e Recife. Disponível em: <<http://www.arquidioceseolindarecife.org.br/historia.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2009.

⁴² Dom José Pereira da Silva Barros foi o 21º Bispo da Diocese de Olinda, na qual esteve à frente de 1881 a 1890.

⁴³ BARROS, Dom José Pereira da Silva. *Aprovação do exmo. e revmo. sr. bispo de Pernambuco. Manual da Pia União das Filhas de Maria*: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Iñez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 07.

formal da Pia União das Filhas de Maria, nesta cidade, ocorreu após a publicação deste documento, no qual o Bispo expressou claramente ao clero e aos seus fieis o

desejo de vêr em toda a Diocese estabelecidas as Pias Uniões das Filhas de Maria, desde já invocamos aos céos que abencôem e enriqueçam de suas graças todos aquelles que para isso contribuirem, na medida do seu zelo e das suas forcas, aos quaes igualmente enviamos a nossa benção pastoral⁴⁴.

Neste sentido, Dom José Pereira da Silva Barros, recomendava aos seus párocos que se dedicassem para a

propagação d'estas Pias Uniões em suas freguezias, certos de que com ellas conseguiram reanimar o fervor dos tibios, fortificar o desanimo dos fracos, restaurar a pratica da virtude e da piedade no lar domestico, e d' este modo chamar o povo christão á frequencia do templo e á observância dos preceitos do Senhor⁴⁵.

Para os bispos, este modelo de associação representava uma das formas mais eficazes para preservar da “virtude do sexo frágil”, uma vez que o seu objetivo era fazer com que as jovens se tornassem obedientes e respeitosas para com seus pais, de forma que quando fossem solicitadas por Deus estivessem capazes de reconhecer a sua vocação e realizá-la da melhor forma possível, independentemente de serem esposas, mães, religiosas ou leigas piedosas no meio da sociedade. O mais importante era que elas se mostrassem capazes de fomentar o amor, a virtude e a piedade no convívio familiar e social.

1.4 O Primeiro Congresso Católico de Pernambuco e as Congregações Marianas

Entre os dias 22 e 29 de junho de 1902, foi realizado, no Recife, o Primeiro Congresso Católico de Pernambuco⁴⁶, no qual clérigos e leigos se reuniram para refletir sobre os problemas religiosos, sociais e políticos então enfrentados pela Igreja Católica no Estado. A sessão solene de abertura dos trabalhos aconteceu na Igreja do Divino Espírito Santo, à qual compareceram o Bispo da Diocese de Olinda,

⁴⁴ Ibid., p. 09. Grifo nosso.

⁴⁵ Ibid., p. 09.

⁴⁶ O Primeiro Congresso Católico de Pernambuco foi o terceiro congresso católico realizado no país, o primeiro foi realizado em Salvador (junho de 1900) e o segundo em São Paulo (novembro de 1901).

Dom Luiz Raimundo da Silva Brito⁴⁷, membros do clero, os palestrantes, os congressistas, “distintas famílias, cavalheiros de nossa elite social e cidadãos de todas as classes”⁴⁸.

A sua mesa diretora foi composta por Carlos Alberto de Meneses (presidente do congresso e da 2ª sessão), Luiz de Albuquerque Martins Pereira (vice-presidente), Pedro Collier (1º secretário), Joaquim da Silva Cabral (2º secretário), Landelino Câmara (2º secretário), Monsenhor José de Oliveira Lopes (presidente da 1ª sessão) e Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos (presidente da 3ª sessão).

O *Programa*, do Primeiro Congresso Católico de Pernambuco, foi aprovado pelo Bispo da Diocese de Olinda, no dia 29 de abril de 1902; o qual ficou dividido em três secções: *Primeira Secção: Obras de Ação Religiosa*, *Segunda Secção: Obras Sociais* e *Terceira Secção: Instrução, Educação e Imprensa*, sendo cada sessão subdividida em cinco temas a serem discutidos.

Quadro 1 – Programa do Primeiro Congresso Católico de Pernambuco		
<i>PRIMEIRA SECÇÃO: Obras de ação religiosa</i>		
<i>Conferências</i>	<i>Conferencista</i>	<i>Áreas de atuação</i>
I – A obra dos Congressos Católicos. Sua organização na Diocese	Luiz Cavalcanti Lacerda de Almeida	- Sócio Fundador do Círculo Católico de Pernambuco. - Participou da diretoria do Círculo Católico de Pernambuco. - Foi prefeito da cidade do Recife.
II – O Apostolado da Oração. Seu desenvolvimento e propagação	Monsenhor Marcolino Pacheco do Amaral	- Vigário Capitular de Olinda. - Publicou as Cartas Pastorais. - Diretor do jornal “A Tribuna”.
III – A sociedade de São Vicente. Sua propagação	Joaquim da Silva Cabral	- Sócio Fundador do Círculo Católico de Pernambuco. - Diretor do Círculo Católico de Pernambuco.
IV – Combate ao Protestantismo	Frei Celestino de Pedavoli	- Missionário Capuchinho.
V – Culto Público, Romarias ou peregrinações, Festividades religiosas e Confrarias	Monsenhor José de Oliveira Lopes	- Bispo de Pesqueira. - Assistente eclesiástico do Círculo Católico. - Sócio correspondente do IAHGP.

⁴⁷ Dom Luiz Raimundo da Silva Brito foi o 24º Bispo da Diocese de Olinda e o 1º Arcebispo da Arquidiocese de Olinda, na qual ficou a frente de 1901 a 1915.

⁴⁸ SESSÃO solenne de abertura do Primeiro Congresso Catholico de Pernambuco. **Annaes da Obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d’ A Província, 1902. p. 12. Grifo original.

<i>SEGUNDA SECÇÃO: Obras sociais</i>		
<i>Conferências</i>	<i>Conferencista</i>	<i>Áreas de atuação</i>
I – Questão Social. A sua solução socialista e a solução cristã	Padre Maximino Cottart	- Dado não encontrado.
II – A organização operária cristã na grande indústria ou fábricas isoladas	Custódio José da Silva Pessoa	- Dado não encontrado.
III – A organização operária cristã nas pequenas indústrias ou nas cidades	Pierre Collier	- Engenheiro. - Sócio da Federação Operária Cristã.
IV – A organização operária cristã na agricultura ou entre os operários do campo	Luiz Correia de Brito	- Sócio Fundador do Círculo Católico de Pernambuco. - Colaborador habitual do jornal “A Tribuna”. - Presidente do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo. - Sócio efetivo do IAHP. - Foi deputado federal, e participou do comitê executivo do Partido Republicano.
V – Federação Operária Cristã ou Grande Centro Geral Diocesano	Carlos Alberto de Menezes	- Sócio fundador da Sociedade São Vicente de Paulo. - Sócio fundador da União de Moços Católicos. - Cooperava com o jornal “Era Nova”. - Sócio fundador do Círculo Católico de Pernambuco. - Fundador da Companhia Industrial Pernambucana. - Fundador da Corporação Operária de Camaragibe. - Fundador da Federação Operária Cristã.
<i>TERCEIRA SECÇÃO: Instrução, educação e imprensa</i>		
<i>Conferências</i>	<i>Conferencista</i>	<i>Áreas de atuação</i>
I – Instrução secundária cristã. Seu estado atual. Necessidade e meio prático de estabelecê-la na Diocese	Manoel Netto Carneiro Campello	- Sócio Fundador do Círculo Católico de Pernambuco. - Participou da diretoria do Círculo Católico de Pernambuco. - Membro da Academia Pernambucana de Letras. - Sócio efetivo do IAHP.
II – Obras de preservação da mocidade estudiosa. Círculos Católicos. Congregações Marianas	Padre Alberto Teixeira Pequeno	- Diretor do jornal “A Tribuna”. - Fundador/responsável da revista “Maria”. - Professor do Seminário Episcopal.
III – Complemento da instrução religiosa nas escolas primárias. Catecismos paroquiais, catecismos voluntários. Obra geral de primeiras comunhões.	Padre Theophilo Tworz	- Sócio Fundador do Círculo Católico de Pernambuco.

Patrocínios ou oratórios festivos		
IV – Auxílio as vocações religiosas. Obulo diocesano	Padre Hermeto José Pinheiro	- Lente de filosofia do Seminário de Olinda. - Bispo de Uruguaiana. - Sócio Honorário do Círculo Católico de Pernambuco.
V – Imprensa. Meio prático de fundação de um jornal católico na diocese	Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos	- Escritor católico contra o protestantismo. - Professor da Faculdade de Direito. - Foi presidente do Senado Estadual.

Dentre as palestras proferidas, destacamos a do Padre Alberto Teixeira Pequeno, intitulada *Obras de preservação da mocidade estudiosa. Circulos Catholicos. Congregações Marianas*, pois a Pia União das Filhas de Maria está diretamente ligada às Congregações Marianas.

O palestrante iniciou o seu trabalho falando sobre a importância dos católicos para a regeneração cívica e moral da sociedade pernambucana, num momento em que os seus legisladores desprezavam a participação/contribuição que a Igreja Católica tinha a oferecer para o bem-estar da sociedade, fazendo assim, uma alusão à separação entre o Estado e a Igreja após a Proclamação da República.

Mais adiante revelou a sua felicidade em ver configurar no Programa do Congresso, a preocupação com a juventude estudiosa, pois acreditava ser ela a “mais apta para levantar a nossa fé catholica e rechristianisar o Brasil, se todos nós do clero, e conosco todos os bons catholicos, a ella nos dedicarmos de coração”⁴⁹. Em seguida, enfatizou a importância das Congregações Marianas no processo de recristianização, uma vez que elas

possuem tanta força moral, tantos encantos e attractivos sobrenaturaes, que por si só são capazes de elevar o espirito da juventude nas douçuras da mais sympathica e terna das devoções, de enthusiasmal-a nos esplendores mysticos da Religião e de arrastar o seu coração generoso ás mais elevadas virtudes⁵⁰.

E tendo estas congregações tantas virtudes, o Padre defendeu que fossem criadas em todo o Estado, Congregações Marianas, destinadas a jovens de ambos

⁴⁹ PEQUENO, Pe. Alberto Teixeira. *Obras de preservação da mocidade estudiosa. Circulos catholicos. Congregações Marianas. Annaes da obra dos congressos Catholicos em Pernambuco*. Primeiro congresso. Recife: Empreza d’ A Província, 1902. p. 258.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 258. Grifo original.

os sexos. Prossequindo o seu discurso, o orador faz uma breve descrição do que elas seriam:

Mas, que são Congregações Marianas?

Por esse nome se podem entender geralmente todas as Aggregações, Associações, Uniões ou obras Pias de fundação ecclesiastica que, tendo por principal Patrona a SS. Virgem, invocada sob seus diversos títulos, foram instituidas para promover e facilitar entre os fieis as obras de piedade, de misericordia, de caridade ou religião. Particularmente, porem, pelo nome de Congregações Marianas se entende as que são destinadas a proteger e completar a educação da mocidade de um e outro sexo⁵¹.

Em seguida, fez um breve histórico sobre as Congregações Marianas, mostrando que elas foram criadas aproximadamente no ano de 1560, pelos padres da Companhia de Jesus, do Colégio Romano, com o objetivo de instruir seus alunos sob a proteção da Santíssima Virgem. Em 1584, a pedido do Geral da Companhia, Padre Cláudio Aquaviva, o pontífice Gregório XIII, por uma *Bula* de 5 de dezembro do mesmo ano, erigiu a Congregação de Nossa Senhora da Anunciação, do Colégio Romano, a *Prima-Primária*, enriquecendo-a de numerosas graças e indulgências, e concedendo ao mesmo Geral a faculdade de agregar todas as congregações dos colégios da Ordem Jesuíta à *Prima-Primária*⁵².

Depois da explanação realizada pelo Padre Alberto Teixeira Pequeno em prol das Congregações Marianas, os congressistas deliberaram:

1. Que com a possível brevidade se erija nesta Capital uma Congregação Mariana para os estudantes, na Igreja que para isto designar a Auctoridade Diocesana;
2. Que se promova em toda a Diocese a criação de Congregações Marianas para ambos os sexos, nos Collegios, Pensionatos e mais casas de educação;
3. Que se promova a erecção de ditas Congregações nas Igrejas das Ordens e Congregações Religiosas da Diocese, onde ainda as não houver;
4. Que nos lugares, onde não ha Communidades Religiosas, nomeiem-se Commissões que, sob a direcção dos Rvmos. Parochos, fundem-se nesses lugares tão salutares Associações e influam no seu verdadeiro espirito e desenvolvimento;
5. Finalmente, que, onde não for possível a erecção dessas Congregações, as Commissões Diocesanas e parochiaes das Obras dos Congressos entrem em commum accordo para concertarem nos

⁵¹ Ibid., p. 260. Grifo nosso.

⁵² Ibid., p. 260.

meios de attrahir á Egreja toda a juventude, principalmente a que frequenta as escolas sem religião, afim de preserval-a excitando-lhe a piedade e a devoção á SS. Virgem⁵³.

A partir destas deliberações, concluímos que as palavras proferidas na palestra *Obras de preservação da mocidade estudiosa, Circulos Catholicos. Congregações Marianas*, obtiveram excelentes resultados, pois os congressistas não só apoiaram o seu palestrante, como estabeleceram algumas metas referentes à criação e propagação das Congregações Marianas, que deveriam ser cumpridas pela comunidade católica no Estado.

Estas deliberações foram fundamentais para a expansão das Pias Uniões das Filhas de Maria, não somente na cidade do Recife, mas em todo o Estado; uma vez que, entre os grupos destinados ao público feminino, que faziam parte das Congregações Marianas, esta Pia União se destacou por ser um dos mais atuantes nos trabalhos desenvolvidos pela Igreja.

⁵³ Ibid., 263-264. Grifo nosso.

2. QUEM SÃO “ELLAS”?: Organização e funcionamento da Pia União das Filhas de Maria

A Filha de Maria é o anjo da terra, e a sua vida oferece ao mundo o mais acabado tratado de perfeição christã. O seu logar na sociedade destaca-se dos demais, e a ella compete encargo de alto valor social e moral⁵⁴.

2.1 Origem da pia associação

A moderna Pia União das Filhas de Maria pretende ter tido origem em uma associação criada no início do século XII, em Ravena, Itália, pelo Beato Pedro de Honestis (1049-1119)⁵⁵. Este, tendo feito a promessa de construir uma igreja e um mosteiro em honra da Virgem, reuniu em torno de si, em uma propriedade de sua família⁵⁶, um grupo de clérigos sob o nome de *Os Filhos de Maria*, em honra de um ícone miraculoso de Nossa Senhora, hoje conhecido por “Madonna Greca”.

A associação, aprovada pelo Papa Pascoal II⁵⁷, adotou a regra agostiniana e acabou dando origem à Congregação Portuense de Cônegos Regulares⁵⁸. O Manual de 1922, da moderna Pia União, informa que os membros do sodalício fundado por Pedro se caracterizavam pela medalha que ostentavam no pescoço e pela faixa azul celeste que traziam na cintura.

Uma segunda raiz histórica, invocada no Manual de 1922, refere-se à associação criada em 1594, na paróquia de Mattaicourt, na França, pelo Beato Pedro Fourier (1565-1640), também da Ordem dos Cônegos Regulares. Com o objetivo de fomentar a piedade mariana na juventude feminina, erigiu a *Congregação da Virgem Imaculada*⁵⁹. As jovens que faziam parte desta associação “traziam como distintivo um escapulário de cor celeste que tinha impresso de um

⁵⁴ FONTE, Guiomar de Sá. A Filha de Maria. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 13, n. 6, jun. 1925. p. 117.

⁵⁵ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Iñez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 27-29.

⁵⁶ No local ergue-se, atualmente, a seiscentista igreja de *Santa Maria in Porto*.

⁵⁷ O seu pontificado foi de 1099 a 1118.

⁵⁸ Cf. ALLARIA, Anthony. Peter de Honestis. **The catholic encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, vol. 11, 1911. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/11766a.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2010.

⁵⁹ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, op. cit., p. 27-29.

lado a imagem da Imaculada Conceição e de outro a inscrição 'Maria foi concebida sem pecado'⁶⁰.

A criação dos grupos que atualmente conhecemos por *Pia União das Filhas de Maria*, só se daria na primeira metade do século XIX, com a jovem francesa Catarina Labouré (1809-1876), para quem a Virgem Maria teria realizado algumas aparições⁶¹ durante o ano de 1830, sendo a mais significativa a do dia 27 de novembro, na qual a Virgem teria ordenado que ela fundasse uma associação que recebesse o nome de Filhas de Maria⁶².

As mulheres que faziam parte desta associação deveriam trazer no pescoço uma fita azul celeste da qual penderia uma medalha com a imagem da Virgem Maria sobre um globo, com os braços abaixados e as palmas das mãos viradas para a frente. Ao redor desta imagem aparecia a frase: *Maria concebida sem pecado rogai por nós que recorremos a vós*. Na parte posterior da medalha foi cunhada a letra M, encimada por uma cruz, tendo um traço na base e, por baixo do monograma de Maria, dois corações representando o de Jesus (cercado por uma coroa de espinhos) e o de Maria (com uma espada atravessada), e adornada por 12 estrelas⁶³.

Em 1864, o Padre Alberto Passéri, pároco da Basílica de Santa Inês, em Roma, fundou uma associação para jovens católicas, denominando-a de Pia União das Filhas de Maria, a qual estaria sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inês⁶⁴. A escolha de Santa Inês (Agnes, em italiano) como patrona deste grupo, está

⁶⁰ GIL, Benedito Miguel. **Os cursilhos e a reprodução do catolicismo europeu nas américas**. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/bmgil/trabal03.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2009.

⁶¹ Neste trabalho não nos deteremos à discussão, sobre a credibilidade ou não, das aparições de Nossa Senhora a Catarina Labouré. Sobre este tema ver: CASTRO, Pe. Jeronimo Pereira de. **Santa Catarina Labouré e a medalha milagrosa**. Petropolis: Vozes, 1951. 263p.

⁶² NOSSA Senhora das Graças da medalha milagrosa. Disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/santos/nsgrac2711.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2009.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Viveu em Roma, onde foi martirizada no ano 304. Descendia da nobre e poderosa família Cláudia, desde pequena foi educada pelos pais na fé cristã. Cresceu virtuosa e decidiu consagrar sua pureza a Deus. Aos treze anos foi cobiçada, por conta de sua beleza e virtude, pelo jovem Fúlvio, filho do prefeito de Roma, Simprônio. Como o rejeitou, Inês foi levada a julgamento e obrigada a manter o fogo sagrado aceso de um templo dedicado à Vesta, deusa romana do lar e do fogo, o que se recusou a fazer. Por isso foi condenada a ser exposta nua num prostíbulo. Introduzida no local da desonra, uma luz celestial a protegeu e ninguém ousou aproximar-se dela, seus cabelos cresceram cobrindo o seu corpo. Receoso, o prefeito Simprônio passou o caso para seu vice-prefeito, Aspásio. Após um novo interrogatório, a menina foi condenada a morrer queimada. As chamas também não a tocaram, voltando-se contra seus algozes e matando muitos deles. Por fim, foi decapitada a mando do vice-prefeito de Roma. Cf. SANT'AGNESE. Disponível em: <<http://www.enrosadira.it/santi/a/agnese.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2009.

relacionada a dois motivos: primeiro, porque foi fundada na Igreja que tinha a Santa como padroeira; segundo, porque ela representava um modelo de pureza e castidade para as jovens associadas.



Figura 1 – Santa Inês.

FONTE: Disponível em: <<http://www.enrosadira.it/santi/a/agnese.htm>>. Acesso em: 21 out. 2009.

Esta Pia União foi enriquecida com indulgências e privilégios⁶⁵, concedidos pelo Papa Pio IX⁶⁶, através do *Breve* de 16 de janeiro de 1866. Um mês depois, pelo *Breve* de 16 de fevereiro, o Papa elevou a associação à dignidade de *Primária*; mais tarde pelo *Breve* de 4 de fevereiro de 1870, o Pontífice concedeu ao pároco de Santa Inês o direito de agregar todas as outras Pias Uniões, em qualquer parte do mundo, concedendo-lhes os mesmos privilégios de que gozava a *Primária*⁶⁷.

Treze anos mais tarde, o Papa Leão XIII⁶⁸, através de dois *Breves* de 21 de maio de 1879, concedeu a indulgência plenária a todas as associadas no dia de sua admissão na Pia União das Filhas de Maria, declarou o Padre Alberto Passéri como

⁶⁵ A relação das indulgências e privilégios concedidos pelos pontífices Pio IX e Leão XIII a Pia União das Filhas de Maria, encontra-se no Apêndice E.

⁶⁶ O seu pontificado foi de 1846 a 1878.

⁶⁷ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, op. cit., p. 27-29.

⁶⁸ O seu pontificado foi de 1878 a 1903.

instituidor e diretor geral de todas as congregações das Filhas de Maria e, por fim, lhe concedeu a faculdade de benzer as medalhas em qualquer Pia União e de delegar tal faculdade àqueles sacerdotes que desejassem receber novas aspirantes e Filhas de Maria em sua associação⁶⁹.

Com os incentivos concedidos à Pia União das Filhas de Maria, os pontífices Pio IX e Leão XIII, almejavam incentivar a instalação dessa associação feminina nas paróquias católicas espalhadas em qualquer parte do mundo. Na segunda metade do século XIX, começaram a surgir em diversas paróquias brasileiras, grupos de Pias Uniões das Filhas de Maria. Estas obedeciam às normas ditadas pelos bispos de cada diocese e se mantinham unidas à *Primária* de Roma.

2.2 Organização interna, hierarquia e rituais

Para erigir uma Pia União das Filhas de Maria, era necessário seguir as orientações indicadas pelo *Manual da Pia União das Filhas de Maria*, segundo o qual: aqueles que desejassem criar um novo grupo, deveriam inicialmente expor as suas intenções e solicitar a sua autorização ao arcebispo; em seguida, eleger um diretor (que preferencialmente deveria ser o pároco) e duas senhoras de boa reputação, uma para diretora e outra para vice-diretora (estas poderiam ser casadas ou viúvas).

A este Conselho Provisório cabia a escolha das primeiras associadas como aspirantes ou até mesmo para a admissão direta como Filhas de Maria, caso julgassem conveniente. Após o período de um a dois meses, o conselho provisório determinava, por votação secreta, quais das primeiras aspirantes passariam ou não para o grau de Filha de Maria⁷⁰.

Aprovadas as primeiras aspirantes como Filhas de Maria, os poderes do Conselho Provisório cessariam e, para compor a Mesa Diretora da Pia União, deveria ser realizada uma eleição para a escolha da diretoria que, juntamente com o diretor e suas assistentes diretas, sempre de sua escolha (a diretora e sua vice), deveria dirigir e inspecionar a associação. A diretoria era composta por uma presidente, uma vice-presidente, duas assistentes, duas ou mais consultoras, uma secretária e uma tesoureira. O diretor e as dignitárias formavam o Conselho Secreto,

⁶⁹ Ibid., p. 27-29.

⁷⁰ Ibid., p. 48-50.

o qual deliberava sobre a admissão, expulsão ou qualquer outro assunto da Pia União. Durante as decisões do Conselho o diretor não tinha poder de voto e caso houvesse empate, o voto da diretora era usado como critério de decisão⁷¹.

A eleição para composição da Mesa Diretora da Pia União das Filhas de Maria era realizada anualmente, sempre no primeiro domingo depois da festa da Imaculada Conceição. Nesta eleição o diretor tinha a faculdade para escolher a diretora e a vice-diretora; os outros cargos de dignitárias eram escolhidos através de voto secreto pelas associadas, a partir da indicação de dois nomes sugeridos em comum acordo pelo diretor, diretora e vice-diretora. A eleição ainda poderia ser por aclamação ou indicação direta feita pelas sócias ao diretor, diretora e vice-diretora, embora este último caso só pudesse ser realizado caso os três estivessem presentes⁷².

Ainda sobre a eleição da diretora da Pia União das Filhas de Maria, o *Manual* traz em uma nota de rodapé, a seguinte observação:

Se o director julgar que, por algum grave e particular motivo, não convém fazer a eleição em qualquer anno, poderá deixar de se fazer emquanto durarem esses graves motivos, sem isso affectar o ganho das indulgências; e se n'este tempo fôr necessário nomear alguma dignitaria, o director poderá fazel-o, mas só provisoriamente até desaparecerem essas graves causas e se poder realizar a eleição⁷³.

Após a instalação da Pia União, uma jovem que dela desejasse fazer parte, deveria fazer o pedido de sua admissão, como aspirante, ao diretor da associação. No *Manual*, não há indicação de idades mínima e máxima para que uma jovem fosse admitida como aspirante, nem que tivesse realizado a primeira comunhão, mas sim:

1 – que seja solteira; 2 – que mostre singular devoção a Maria Santíssima; 3 – que a sua conducta seja tal, que dê esperanças de que será virtuosa; 4 – que requeira a sua admissão ao director, ou á directora, conforme se determina em cada Congregação; 5 – que haja frequentado a Congregação ao menos durante um mez, se n'ella houver as reuniões semanaes, e não as havendo, que tenha pelo menos assistido a uma reunião mensal; 6 – que obtenha,

⁷¹ Ibid., p. 54-55, 71.

⁷² Ibid., p. 67-68.

⁷³ Ibid., p. 67. Grifo original.

finalmente, no escrutínio secreto, a maioria dos votos em seu favor⁷⁴.

Como o *Manual* não se posiciona a este respeito, a admissão variava de associação para associação. Na tradução do *Manual* do italiano para o português encontramos uma nota sobre esta matéria, a qual define que a idade mínima para ser admitida numa Pia União das Filhas de Maria deveria ser dezesseis anos completos, e a idade máxima, quarenta anos⁷⁵.

Ainda segundo esta nota, a mulher que desejasse participar da associação, e que já houvesse ultrapassado a idade máxima, poderia ser incorporada como Filha de Maria por devoção; já a que possuía menos que a idade mínima, deveria ser admitida na Congregação dos Santos Anjos⁷⁶, a qual era sugerida como caminho a ser trilhado pelas jovens antes de pleitearem pertencer à Pia União das Filhas de Maria⁷⁷.

A recepção das aspirantes poderia ser realizada em qualquer tempo, dando-se prioridade para os dias de festividades a Nossa Senhora e sempre que houvesse reunião – geralmente não ocorriam mais que duas admissões de aspirantes por ano. Elas deveriam trazer ao pescoço a medalha da Pia União, suspensa por uma fita de seda verde, não poderiam passar menos de três meses e nem ultrapassar um ano na condição de aspirante; durante este período, tinham que observar todas as regras da associação⁷⁸.

A solenidade de admissão das aspirantes iniciava com uma invocação ao Espírito Santo⁷⁹ e uma oração⁸⁰ realizada pelo diretor; depois, o mesmo interrogava a candidata sobre seu desejo de ser Filha de Maria, com as seguintes palavras:

⁷⁴ Ibid., p. 56-57.

⁷⁵ Ibid., p. 56.

⁷⁶ A Congregação dos Santos Anjos era dividida em duas categorias: 1) Aspirantes a associadas, as quais usavam como distintivo uma fita de seda roxa, com a medalha do Anjo da Guarda; 2) Associadas, as quais usavam uma fita de seda vermelha, com outra medalha do Anjo da Guarda. Poderiam entrar para a Congregação dos Santos Anjos, meninas com idade mínima de dez anos ou menos, conforme a determinação de cada diretor. Observa-se que, as suas aspirantes não poderiam ser promovidas à associadas sem antes terem realizado a sua primeira Comunhão. Cf. Ibid., p. 57.

⁷⁷ Ibid., p. 56.

⁷⁸ Ibid., p. 57-58.

⁷⁹ “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fieis, e accendei n’elles o fogo do vosso amor. / Enviae o vosso Espírito e tudo será creado. / E renovareis a face da terra”. Ibid., p. 94.

⁸⁰ “Deus, que instruístes os corações dos fieis com a illustração do Espírito Santo, fazei que nos regulemos segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Christo Senhor Nosso. / Amen”. Ibid., p. 94-95.

Director – Jovem christã, o que desejaes?

Aspirante – Desejo, revmo. Padre, ser admittida como Aspirante da Pia União das Filhas de Maria.

Director – Conheceis os estatutos e o regulamento d'esta Pia União e estaes disposta a observal-os, para depois merecerdes ser admittida no numero das Filhas de Maria?

Aspirante – Sim, revmo. Padre, conhece-os e espero com a graça de Deus e intercessão de Maria Santíssima Immaculada e da nossa protectora Santa Ignez, observal-os com exactidão.

Director – Deus abençoe as vossas santas intenções. Dedicae-vos, pois, desde já ao serviço da vossa carinhosa Mãe, fazendo-lhe do coração o vosso acto de consagração⁸¹.

Em seguida, a candidata pronunciava o seguinte ato de consagração:

Eis-me prostrada aos vossos pés, ó Maria Immaculada, para vos agradecer o beneficio de ser recebida no numero das Aspirantes á Pia União das vossas Filhas, e para vos expôr o grande desejo que sinto em meu coração de ser um dia admittida entre ellas, ás vossas Filhas predilectas. Para merecer tão insigne favor, eu tomo na vossa presença, ó ternissima Mãe, a firme resolução de envidar todos os meios para chegar a ser, pela minha devoção, caridade e obediencia, a edificação das minhas companheiras e para alcançar as virtudes que das vossas Filhas exigis. Mas, ó Maria, vós conheceis a minha volubidade e inconstancia; vinde, pois, a meu auxilio, ó minha poderosa advogada, e obteme-me do vosso divino Filho a perseverança nas boas resoluções e a graça de vos ser fiel por toda a minha vida, para assim merecer a graça de ser vossa digna Filha, aqui sobre a terra e lá no Céu. Assim seja⁸².

Prosseguindo a solenidade, o director benzia a medalha e entregava a candidata, recomendando-a fidelidade no cumprimento dos seus deveres, tanto da associação quanto nos do seu dia a dia.

Para que, uma aspirante fosse admitida como Filha de Maria, exigia-se:

1 – que ela tenha feito a primeira Communhão; 2 – que se haja conservado na Pia União como Aspirante, ao menos durante três mezes; 3 – que não tenha passado mais d'um anno n'esta condição, a não ser que, por motivos justos, não tenha feito a sua communhão; aliás, passado o anno de provação e não tendo merecido a promoção de Filha de Maria, será excluída da Pia União, não podendo tornar a entrar como Aspirante, sem ter mostrado mudança de vida; 4 – que tenha dado provas de verdadeira piedade, de verdadeira devoção e d'uma conducta exemplar, especialmente na sua pureza, obediencia, humildade e caridade e de haver

⁸¹ Ibid., p. 95. Grifo original.

⁸² Ibid., p. 95-96. Grifo original.

freqüentado os Sacramentos, conforme a maior ou menor facilidade de o fazer, e nunca menos de uma vez por mez, e as reuniões, pelo menos as mensaes; 5 – que, no escrutínio secreto tenha obtido a maioria dos votos em seu favor⁸³.

Observados e cumpridos com louvor os itens acima mencionados, as aspirantes estavam aptas a serem recebidas como Filhas de Maria. A solenidade de recepção das novas Filhas de Maria, fazia-se geralmente, nos dias das festas de Imaculada Conceição, de Santa Inês e de encerramento do mês mariano.

A cerimônia tinha início com o cântico *Ave Maris Stella*⁸⁴; depois o diretor realizava uma oração; em seguida, as aspirantes acompanhadas pela diretora e mestra das aspirantes, se aproximava do altar de Nossa Senhora, e sustentando uma vela acesa na mão, respondia ao diretor o seguinte interrogatório:

Director – Jovem christã, que motivo vos traz aos pés do altar de Maria Immaculada?

Aspirante – Revmo. Padre, o ardentissimo desejo de ser admittida no numero das Filhas de Maria.

Director – Prometteis observar fielmente os estatutos e o regulamento das Filhas de Maria da Virgem Immaculada e todas as praticas devotas da nossa Pia União?

Aspirante – Sim, revmo. Padre, prometto, com a graça de Deus e a protecção de Maria Santíssima e da Virgem Santa Ignez ser fiel na sua observancia, durante todo o tempo da minha vida.

Director – Prometteis além d'isto esforçar-vos por adquirir as virtudes em que devem assignalar as Filhas de Maria, especialmente a pureza, a humildade, a obediencia e a caridade?

Aspirante – Sim, revmo. Padre, prometto applicar todas as forcas em praticar estas virtudes, á imitação da nossa Mãe Santíssima e Immaculada.

Director – Estaes disposta a fazer o vosso acto de consagração a Maria?

Aspirante – Sim, revmo. Padre, pois que durante todo o tempo da minha vida provação foi este sempre o meu unico desejo.

⁸³ Ibid., p. 58-59.

⁸⁴ “Ave Maris Stella, / Dei Mater alma, / Atque semper Virgo, / Felix coeli porta. // Sumens illud Ave / Gabrielis ore, / Funda nos in pace, / Mutans Evae nomen. // Solve vincla reis, / Profer lumen caecis, / Mala mostra pelle, / Bona cuncta posce. // Mostra te esse Matrem, / Sumat per te preces, / Qui pro nobis natus, / Tultit esse tuus, // Virgo singularis, Inter omnes mitis, / Nos culpis solutos // Mites fac et castos. // Vitam praesta puram, / Iter para tutum, / Ut videntes Jesum, / Semper collaetemur. // Sit Laus Deo Patri, Summo Christo decus, / Spiritui Sancto, / Tribus honor unus. Amen”. Ibid., p. 97-98. Tradução: “Ave estrela do mar, / Mãe de Deus sagrada, / Quem sempre Virgem sois, / Porta feliz do Céu. // Tomando aquela Ave / Por voz de Gabriel, / Firmai-nos bem na paz, / Mudado o nome Eva. // Aos réos soltai prisões, / Aos cegos vista dai / Nossos males tirai / Todos os bens pedi. // Mostrai que Vós sois Mãe, / Por Vós ouça os rogos, / Quem por causa de nós, / Quis vosso Filho ser. // Ó Virgem singular, / Mais que todos branda, / Livres nós da culpa, / Brandos, castos fazei. // Dai-nos vida pura, / Os passos dirigi, / Porque vendo a Jesus, / Vivamos com prazer. // Louve-se Deus Padre, / Honre-se o seu Filho, / E seu divino Amor, / Aos três um só louvor. / Amém”.

Director – Pois bem, visto os fervorosos desejos e as boas disposições que mostraes, nós vos admittimos com prazer no numero das Filhas de Maria. E para que sejam mais sagradas e solemnes as vossas promessas, fazei na presença das vossas irmãs espirituas o acto de consagração á Virgem Immaculada⁸⁵.

E a jovem pronunciava o seguinte ato de consagração:

Ó Maria concebida sem peccado, eu, querendo hoje collocar-me sob a vossa especial protecção, vos elejo por minha protectora e advogada, por minha Mãe e Senhora. Prostrada aos vossos pés prometto firmemente empregar todos os esforços em promover a vossa gloria e propagar o vosso culto. De hoje em diante quero fazer profissão de ser toda vossa, de seguir as vossas pisadas e de imitar as vossas virtudes, especialmente a vossa angelica pureza virginal, a vossa profundissima humildade, a vossa perfeitissima obediencia e a vossa incomparavel caridade. Isto prometto solemnemente, junto do vosso altar, em presença de toda a côrte celeste. Obtende-me, ó terna Mãe, a graça de ser fiel a esta promessa durante toda a minha vida, para merecer a graça especial de ser vossa Filha por toda a eternidade. Assim seja⁸⁶.

Prosseguindo a solenidade, o diretor benzia a medalha e a entregava à Filha de Maria, recomendando-a fidelidade no cumprimento dos seus deveres, tanto da associação quanto nos do seu dia a dia; depois lhe entregava o *Manual* da associação, o qual trazia na primeira página um diploma; ao término da cerimônia o diretor fazia uma oração e todos os presentes entoavam o hino *Magnificat*⁸⁷. A partir

⁸⁵ Ibid., p. 98-99. Grifo original.

⁸⁶ Ibid., p. 100. Grifo original.

⁸⁷ “Magnificat anima mea Dominum / Et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo. / Quia respexit humilitatem ancillæ suæ: ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes. / Quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen eius. / Et misericordia eius a progenie in progenies timentibus eum. / Fecit potentiam in brachio suo, dispersit superbos mente cordis sui. / Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles. / Esurientes implevit bonis et divites dimisit inanes, / Suscepit Israel puerum suum recordatus misericordiæ suæ, / Sicut locutus est ad patres nostros, Abraham et semini eius in sæcula. // Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto / Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in sæcula sæculorum. / Amen”. Ibid., 105. Tradução: “A minh’alma engrandece ao Senhor, / Exulta meu espírito em Deus meu Salvador. // Pôs os olhos na humildade de sua serva: / Doravante toda a terra cantará os meus louvores. // O Senhor fez em mim maravilhas, / Santo é seu nome. // Seu amor para sempre se estende sobre aqueles que O temem. // Demonstrando o poder de seu braço / Dispersou os soberbos. // Abate os poderosos de seus tronos / E eleva os humildes. // Sacia de bens os famintos, / Despede os ricos sem nada. // Acolhe Israel seu servidor, / Fiel a seu amor. // E a promessa que fez a nossos pais, / Em favor de Abraão e de seus filhos para sempre. // Gloria ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo / Desde agora e para sempre pelos séculos, / Amém”.

daquele momento, a fita de seda que suspendia a medalha era trocada por outra fita de cor azul celeste⁸⁸.

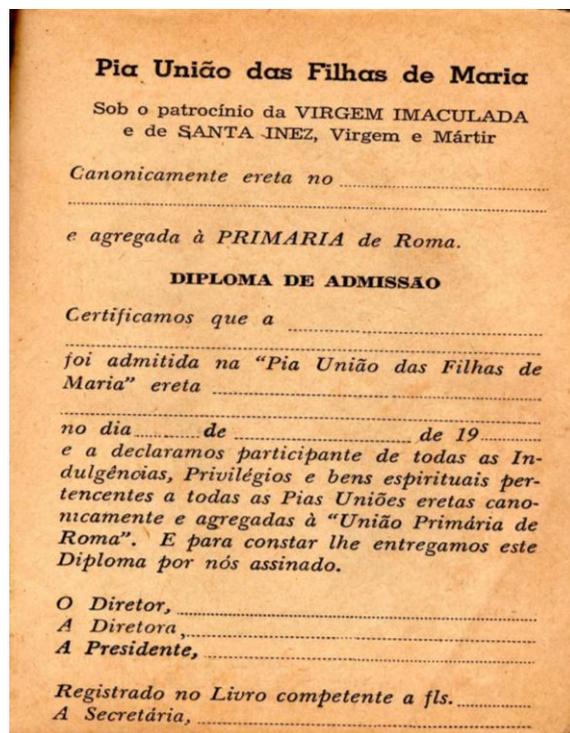
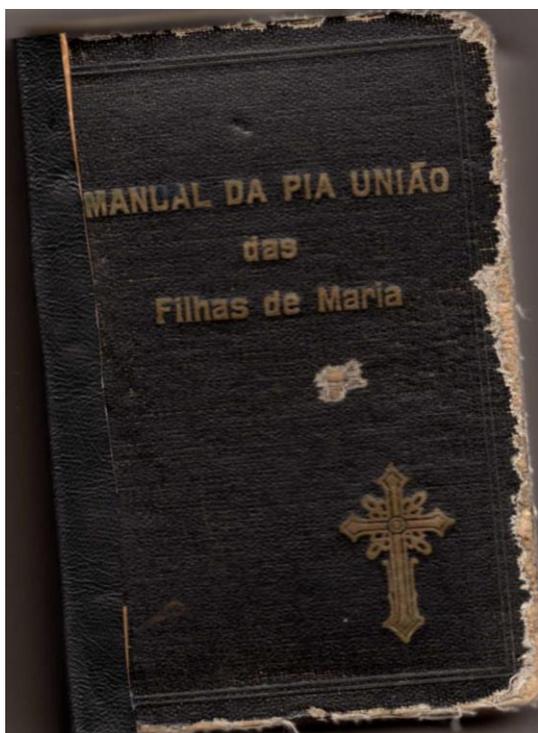


Figura 2 e 3 – Capa e diploma do Manual da Pia União das Filhas de Maria.

FONTE: Manual da Pia União das Filhas de Maria. Porto: J. Steinbrener, 1922.



Figura 4 – Fita da aspirante. Figura 5 – Fita da associada. Figura 6 – Fita da liderança.

FONTE: Arquivo do próprio autor.

⁸⁸ Destacamos que havia uma diferenciação na largura da fita utilizada pelas associadas: a fita usada pela liderança da Pia União das Filhas de Maria era mais larga que a das outras sócias.

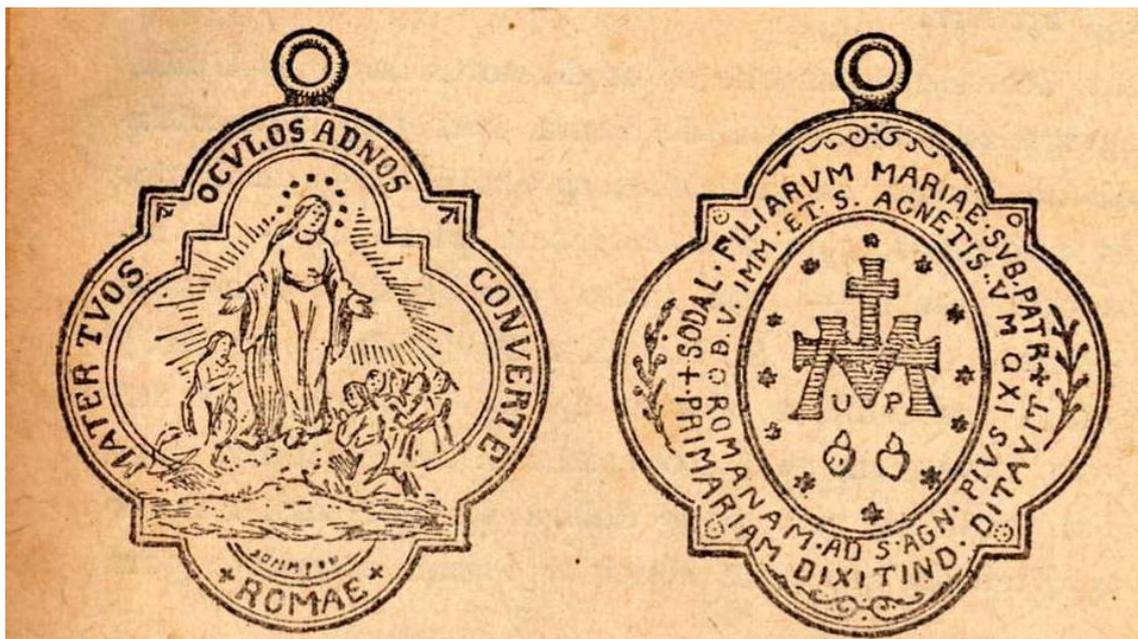


Figura 7 – Medalha da Pia União das Filhas de Maria.

FONTE: Manual da Pia União das Filhas de Maria. Porto: J. Steinbrener, 1922.

A medalha era a identificação mais imediata das sócias e das aspirantes da Pia União das Filhas de Maria. Na parte da frente, ela traz esculpida a figura da Virgem Imaculada, no ato de acolhimento das suas filhas que lhe são apresentadas por Santa Inês, com a inscrição *Mater tuos oculos ad nos converte*⁸⁹. No verso está gravado o nome de Maria, em cima dos corações de Jesus e de Maria, rodeado por doze estrelas e a inscrição *Sodalitas Filiarum Mariae sub patrocínio B. V. Immaculatae et S. Agnetis V. M. – Romanam ad S. Agn. Pius IX Primariam dixit, indulgentiis ditavit*⁹⁰. A medalha deveria ser utilizada em todos os atos coletivos da Pia União, tanto nos internos quanto nos externos⁹¹.

O *Manual da Pia União das Filhas de Maria* era entregue a cada associada no dia de seu ingresso na associação. Nele estavam os ensinamentos e as práticas que deveriam ser observados por cada sócia em todos os dias da sua vida, portanto deveria ser o seu livro de cabeceira. O mesmo se propunha abranger todo o universo de formação moral e religiosa de uma jovem católica, de modo que suas orientações visavam acompanhar o dia de uma Filha de Maria, orientando-as nas

⁸⁹ “Mãe, volta para nós os teus olhos”.

⁹⁰ “Sodalício das Filhas de Maria, sob o patrocínio da Beata Virgem Imaculada e de Santa Inês, Virgem e Mártir. Pio IX declarou Primário o Sodalício Romano junto à Paróquia de Santa Inês e lhe concedeu indulgências”.

⁹¹ *Ibid.*, p. 62-63.

atividades matinais, vespertinas e noturnas, observando também as obrigações semanais, mensais e anuais, apresentando, assim, instruções para todo ano.

Em todas as solenidades extraordinárias, como as cerimônias de admissão, tanto das aspirantes quanto das Filhas de Maria, em festividades de Nossa Senhora, em procissões e demais eventos, as Filhas de Maria deveriam estar trajando um vestido cumprido, com mangas largas e sem decotes, de cor branca, uma fita de seda azul, presa na cintura, com uma ponta pendendo para o lado esquerdo, um véu branco sobre a cabeça, meias grossas e sapatos na tonalidade branca⁹². Para diferenciar das demais, a diretora e a vice poderiam usar esta mesma indumentária sendo que de cor preta⁹³.

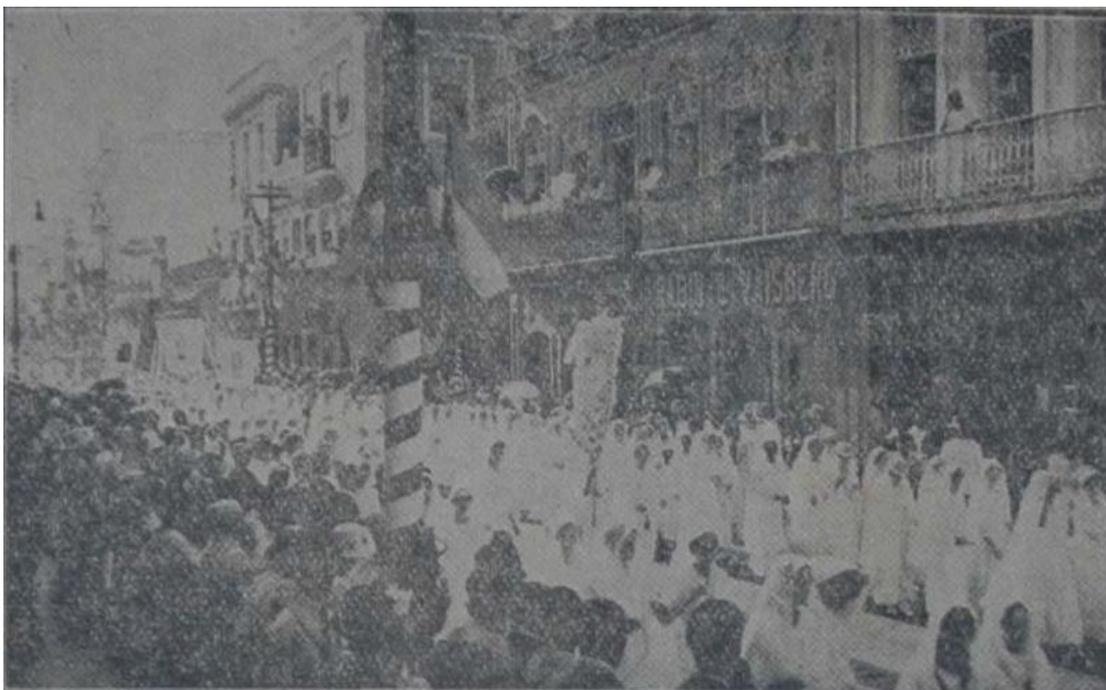


Figura 8 – Participação das Filhas de Maria no cortejo da semana eucarística de 1919.
FONTE: Tribuna Religiosa: Hebdomadario catholico. Olinda, ano 13, n. 13, 03 abr. 1919.

⁹² Nestas ocasiões, recomendavam-se às aspirantes que se trajasse com as mesmas indumentárias utilizadas pelas Filhas de Maria, com exceção da fita azul.

⁹³ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, op. cit., p. 60.

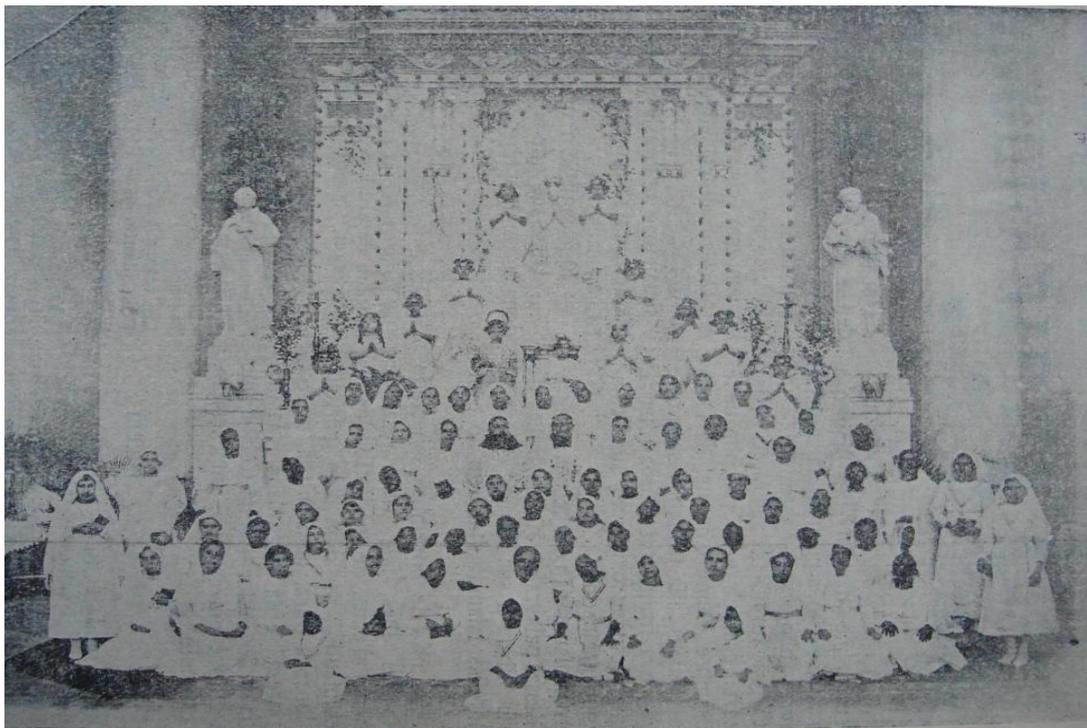


Figura 9 – Pia União das Filhas de Maria da Igreja de Nossa Senhora da Penha, após festa comemorativa das bodas de prata da instalação da Confraria de Lourdes.

FONTE: Maria: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 10, n. 2, nov. 1922.

Todas as componentes das Pias Uniões das Filhas de Maria deveriam observar e cumprir alguns deveres particulares à associação, como: celebrar anualmente, com muita devoção e pompas, as festividades da Virgem Imaculada, de Santa Inês e do encerramento do mês Mariano; fazer a comunhão geral no dia da reunião mensal; recitar cotidianamente as orações da manhã e da noite, e, se possível, participar todos os dias de uma missa; se confessar pelo menos uma vez no mês; em todos os meses, reservar um dia de retiro espiritual, particular ou geral; cumprir com diligência os deveres para com o Estado; ser respeitosas e obedientes aos seus pais; fazer bom uso do seu tempo e ser trabalhadoras; abster-se das más companhias, das más leituras, das modas indecentes, dos bailes e espetáculos teatrais promíscuos; nas horas de tentação e de perigo recorrer imediatamente a Deus e a Maria Santíssima entre outras⁹⁴.

As Filhas de Maria deveriam ser verdadeiros exemplos de devoção, humildade, pureza, caridade e obediência, na família e na sociedade. A sua correta atuação representaria a continuidade da associação e da cristalização de um

⁹⁴ Ibid., p. 75-82.

modelo de mulher sob a égide da fé católica. Proteger as Filhas de Maria dos males da modernidade e de suas seduções, construir um *habitus* para diferenciá-las das outras mulheres da sociedade, apontando com isso um caminho de retidão, devoção e obediência, que está explícito no *Manual*, no qual a pureza dos corpos e das mentes é sempre testificada.

Portanto, quando alguma sócia cometesse uma falta grave, que compromettesse a imagem da associação, esta deveria ser excluída do convívio da Pia União. Eram consideradas faltas graves e, por isso, motivo de expulsão:

1 – toda a culpa publica; 2 – desobediencia formal ás ordens superiores; 3 – injuriar gravemente as associadas; 4 – zombar e escarnecer do director, das dignitarias ou das praticas da Pia União; 5 – manter amizades perigosas, mesmo com as associadas, depois de admoestadas, e acompanhar voluntariamente com as pessoas escandalosas, levianas ou que digam mal da Congregação; 6 – a habitual dissipação e falta do regulamento da Congregação e a falta ás suas reuniões ao menos mensaes, duas vezes a seguir (ou conforme se determinar em cada Congregação), sem causa justa e sem justificar as faltas; 7 – ter conversações deshonestas, cantar cantigas maliciosas, lêr romances e outros livros perniciosos; 8 – tomar parte em danças prohibidas, como sejam: valsas, polkas, galopes, etc., com pessoas de diferente sexo, ou ainda mesmo em quaesquer outras danças ou jogos perniciosos, com pessoas de diferente sexo, sem ser a isso obrigada; 9 – ter namoros inconvenientes e por passatempo e divertimento; 10 – usar trajes immodestos, modas escandalosas, etc., etc.⁹⁵.

Fica visível nestas normas que, as Filhas de Maria deveriam seguir uma vigilância excessiva com o corpo, evitar as más companhias e as influências do mundo moderno. Todo esse cuidado com o corpo da mulher faz parte de um momento histórico no qual se tenta construir, no seio da Igreja Católica, um novo *habitus* para as jovens, para tornar-las símbolos de santidade, pois, a Igreja percebia no sexo feminino um importante agente para evitar o seu declínio. Portanto, tomar conta do seu corpo era um capítulo importante para tornar-las dóceis soldados de Cristo na luta contra os males da Modernidade. Com base em questões semelhantes a estas, a historiadora Michelle Perrot, afirma que, para a Igreja Católica:

⁹⁵ Ibid., p. 85-86.

O sexo das mulheres deve ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e a virgindade. Principalmente pelo cristianismo, que faz da castidade e do celibato um estado superior. Para os Pais da Igreja, a carne é fraca. O pecado da carne é o mais terrível dos pecados. [...] A virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças. A Virgem Maria, em oposição a Maria Madalena, é seu modelo e protetora. [...] Filhas de Maria, elas são sujeitas à pureza. O pudor é seu ornamento⁹⁶.

Vimos acima as principais características que uma Filha de Maria deveria ter, para adentrar permanecer na Pia União, a partir da construção de um *habitus* através do controle de seus atos, extirpando de sua vida todos os contatos e ações maculadoras que pusessem em risco a sua reputação e, conseqüentemente, sua atuação como membro da associação, dando ênfase as normas advindas do *Manual*, principal elemento norteador das práticas da associação. Isso se insere no que Bourdieu denomina de “trabalho de construção simbólica”, definido pelo mesmo, como algo que

não se reduz a uma operação estritamente performativa de nomeação que oriente e estructure as representações, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos do corpo⁹⁷.

Para evitar que as associadas cometessem algumas faltas, o diretor, a diretora e a vice-diretora tinham por obrigação empregar seus esforços, com cuidado e vigilância, para que o regulamento da Pia União fosse observado por todas as suas sócias. Mas, uma vez cometida alguma dessas faltas por uma das associadas, o Conselho Secreto deveria tomar uma posição sobre o caso, podendo ser a repreensão, o castigo ou a expulsão.

Quando a falta cometida não fosse interpretada como grave, a jovem que a praticou poderia: ficar privada de se apresentar ao grupo com a fita, por um tempo determinado; ser obrigada a fazer um ato de reparação diante das congregadas,

⁹⁶ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 64.

⁹⁷ BOURDIEU, op. cit., 2002, p. 32.

numa das reuniões; ser rebaixada de categoria, por um tempo determinado; ficar suspensa ou mesmo perder o cargo que exercia na Pia União entre outras⁹⁸.

Mas, se o erro fosse interpretado como grave, cabia ao Conselho Secreto o poder de decretar a expulsão; em casos extraordinários, o diretor poderia excluir uma sócia, sem consultar o Conselho. Decretada a exclusão de uma sócia, as Filhas de Maria não poderiam manter relações de amizade com a excluída, sob pena de incorrerem na mesma exclusão, apenas poderiam cumprimentá-la como expressão da caridade cristã. Caso a jovem excluída desejasse um dia voltar ao convívio da Pia União, deveria, antes de qualquer coisa, dar provas de seu arrependimento à associação e à sociedade, e poderia ser readmitida caso o diretor permitisse⁹⁹.

Observaremos, a partir de agora, com mais profundidade a função das regras no dia-a-dia das associadas, apontado como se perpetua o *habitus* da mesma, através desse conjunto rígido de normas, o qual definia quem era apta a continuar ou não inserida na Pia União.

2.3 Uma vida regrada

A Pia União das Filhas de Maria foi um dos principais espaços utilizados pela Igreja Católica para a normatização do “sexo frágil”. O seu *Manual* indicava um conjunto de regras, as quais eram divididas em *regras para todos os dias, todas as semanas, todos os meses, todo o ano e para todo o tempo* de vida. Tais regras deveriam ser praticadas por todas as Filhas de Maria, uma vez que:

Uma regra bem observada, conduz a uma grande perfeição, livra da condenação eterna, e prepara no céu uma esplendida corôa de glória. E todos os mestres da vida espiritual são conformes em afirmar que, quem vive segundo a regra, vive em Deus. Se é necessário um regulamento de vida para qualquer christão, muito mais para vós, Filhas de Maria, se desejaes passar os dias da vida no temor de Deus e na devoção a Maria¹⁰⁰.

As *regras para todos os dias* consistiam em orientar as Filhas de Maria do despertar até o adormecer, reforçavam a necessidade das orações para o

⁹⁸ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, op. cit., p. 84-85.

⁹⁹ Ibid., p. 83-86.

¹⁰⁰ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, op. cit., p. 140-141.

crescimento espiritual, bem como estabeleciam normas para o bem-estar físico e social de uma Filha de Maria.

Neste bloco de regras, era aconselhado que: fossem fixados horários regulares para o descanso do corpo e que as orações fossem sempre feitas de joelhos; se vestissem com modéstia; fizessem um breve exame de consciência no qual se evidenciasse os perigos diários para a alma; meditassem por no mínimo quinze minutos diante do crucifixo; assistissem a primeira missa celebrada a fim de comungar e se fortalecer para as intempéries do dia; serem exemplares no desenvolvimento de todos os seus deveres; procurassem a presença de Deus, durante todo o dia, através de jaculatórias; adotassem horas fixas para as refeições, as quais não deviam ser feitas às pressas e nem em excesso, além de serem censuradas as bebidas alcoólicas, tidas como incentivadoras das impurezas do mundo; realizassem as orações e um exame de consciência das ações praticadas durante o dia para, assim, poderem deitar e adormecer com toda compostura¹⁰¹.

As *regras para todas as semanas*, estavam mais relacionadas ao cumprimento de deveres religiosos das associadas. E, portanto, enfatizavam a necessidade de: criar-se o hábito de realizar, sempre aos domingos, uma consagração, através do sacramento da penitência, à Santíssima Virgem; ser breve nas confissões; comungar com freqüência; participar de todas as reuniões da associação; fazer um jejum em honra da Virgem Maria, nos sábados; assistir ao catecismo e à benção do Santíssimo Sacramento, nos domingos¹⁰².

As *regras para todos os meses*, estavam mais direcionadas à participação das Filhas de Maria na associação. Estas aconselhavam que: as associadas nunca faltassem às reuniões mensais da Pia União e que naquele dia fizessem a comunhão; caso faltassem a qualquer reunião, justificassem o mais brevemente, e que se informassem sobre a reunião passada; as sócias deveriam escolher uma virtude e a cumprir fielmente, todos os meses; uma semana antes da reunião, as jovens deveriam ler, com atenção, as regras de vida e fazer uma reflexão sobre a sua conduta durante todo o mês¹⁰³.

¹⁰¹ Ibid., p. 141-145.

¹⁰² Ibid., p. 146-147.

¹⁰³ Ibid., p. 147-148.

As *regras para todo o ano*, estavam mais relacionadas às festividades religiosas do grupo. E recomendavam que as Filhas de Maria: realizassem os exercícios espirituais todos os anos; celebrassem com devoção as festividades de Nosso Senhor, Nossa Senhora e de Santa Inês; participassem ativamente das celebrações realizadas durante o mês de maio, consagrado pelo catolicismo como Mês de Maria¹⁰⁴.

Por fim, estavam as *regras para todo o tempo*, divididas em duas partes: o *que deveis fazer* e o *que deveis evitar*, ambas relacionadas a comportamentos e atitudes que deveriam ser observadas pelas Filhas de Maria no seu cotidiano.

A primeira parte, mostrava que, como boas Filhas de Maria, as jovens deviam: nutrir uma devoção especial a Maria, a Santa Inês e ao Anjo da Guarda; amar o trabalho como um dever de Estado; cultivar a humildade; ser obedientes aos pais e superiores; preservar a modéstia; exercitar a caridade; ter bons modos; amar a mortificação; visitar e consolar os enfermos e atribulados; restringir o seu grupo de amizade, escolhendo as mais prudentes; procurar um confessor sábio, prudente e virtuoso, mantendo-se fiel a ele¹⁰⁵.

A segunda parte solicitava que as jovens: se afastassem de qualquer forma de pecado e das más companhias; evitassem relações de amizade com homens; não participassem de bailes, de espetáculos perniciosos e não lessem maus livros; odiassem a mentira, maledicência, as críticas e todas as conversas não edificantes; não tivessem nenhuma espécie de superstição, e evitassem os namoros inconvenientes, as cantigas imodestas; não saíssem sozinhas na parte da noite; fugissem da preguiça e da ociosidade; evitassem gestos exagerados, como gritos, pulos, gargalhadas, correr pelas ruas, ou seja, tudo que não ficasse bem a uma jovem cristã bem educada¹⁰⁶.

Entre as normas contidas no *Manual*, encontra-se uma listagem intitulada de *Flores da Virtude*. Embora aparentemente simplória esta lista de flores é bastante exemplar da retórica persuasiva apresentada pelo mesmo. Compreendida pelo seu autor como um ramalhete das mais belas flores do campo das obras de piedade, era

¹⁰⁴ Ibid., p. 148-149.

¹⁰⁵ Ibid., p. 1143-154.

¹⁰⁶ Ibid., p. 1154-157.

direcionado às jovens Filhas de Maria e deixa clara a concepção que a Igreja tinha do “sexo frágil” como o mais propício ao pecado.

As *Flores da Virtude* constituem um dos muitos tópicos moralizantes que podem ser encontrados em todo o *Manual*. A obediência às recomendações era um exercício de tolerância e educação do corpo e da consciência das associadas.

Analisando as trinta e uma flores, observamos que todas elas estavam, de alguma forma, relacionadas à normatização das jovens que faziam parte da Pia União das Filhas de Maria. As *Flores da Virtude*, anunciadas, são as seguintes:

1. Vencer a preguiça ao levantar-se e cumprir com os deveres do proprio estado.
2. Guardar modéstia nos olhos e mais sentidos.
3. Ouvir missa pelas almas devotas de Nossa Senhora.
4. Fazer leitura espiritual, ao menos por um quarto de hora.
5. Combater a gula, por amor de Maria.
6. Dar uma esmola.
7. Invocar o socorro de Maria nas tentações.
8. Pedir a benção á Virgem Maria, ao começar qualquer ação.
9. Obedecer com gosto, por amor da Virgem Santissima.
10. Não censurar o proximo, nem em coisas levissimas.
11. Visitar alguma imagem da virgem.
12. Não commetter faltas voluntarias.
13. Convidar alguém a fazer algum ato de religião.
14. Perdoar pelo amor de Maria.
15. Pedir á Virgem a conversão dos peccadores.
16. Levar com paciencia qualquer adversidade.
17. Combater a curiosidade.
18. Reprimir a vaidade.
19. Rezar com devoção.
20. Fazer algum acto de humildade.
21. Lançar fogo em algum retrato perigoso, indecente, ou livro máu; ou, não os tendo, dar graças á Virgem.
22. Estudar ou trabalhar com gosto, pelo amor à Virgem.
23. Abster-se de algum divertimento, ainda que innocente.
24. Edificar o proximo com palavras e por obras.
25. Soffrer com paciencia as pessoas rudes.
26. Vencer o genio.
27. Fazer o exame de consciencia e o acto de contrição, antes de se deitar.
28. Cahindo em alguma falta, fazer proposito de emendar-se.
29. Fazer actos de conformidade com a vontade de Deus.
30. Fugir de alguma amizade perigosa.
31. Fazer actos de amor com Jesus¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Ibid., p. 385-387.

Como podemos observar, estas trinta e uma instruções virtuosas que deveriam ser seguidas pelas Filhas de Maria, revelam o modelo de jovem católica almejado pela Igreja, e também modos de comportamento para as associadas da Pia União em seu convívio familiar e social. Em sua maioria, as *Flores da Virtude* estão relacionadas às práticas de conduta moral e religiosa.

A historiadora Maria Lucélia de Andrade propõe uma divisão em quatro “ramalhetes” para as *Flores de Virtude*: moral e autodisciplina, devocional, missionário e leituras. Para ela, destes quatro ramalhetes, o mais “florido” é o da moral e autodisciplina, no qual podem ser agrupados dezessete, das trinta e uma orientações apontadas, o devocional fica com oito orientações, o missionário com cinco e o das leituras possui duas flores bem específicas¹⁰⁸.

Quadro 2 – Ramalhetes das flores da virtude no Manual da Pia União das Filhas de Maria¹⁰⁹	
<i>RAMALHETE</i>	<i>FLORES DA VIRTUDE</i>
<i>Moral e Autodisciplina</i>	1. Vencer a preguiça ao levantar-se e cumprir com os deveres do próprio estado. 2. Guardar modéstia nos olhos e mais sentidos. 5. Combater a gula, por amor de Maria. 9. Obedecer com gosto, por amor da Virgem Santíssima. 12. Não cometer faltas voluntárias. 16. Levar com paciência qualquer adversidade. 17. Combater a curiosidade. 18. . Reprimir a vaidade. 20. Fazer algum ato de humildade. 22. Estudar ou trabalhar com gosto, pelo amor à Virgem. 23. Abster-se de algum divertimento ainda que inocente. 25. Sofrer com paciência as pessoas rudes. 26. Vencer o gênio. 27. Fazer o exame de consciência e o ato de contrição, antes de se deitar. 28. Caindo em alguma falta, fazer propósito de emendar-se. 29. Fazer atos de conformidade com a vontade de Deus. 30. Fugir de alguma amizade perigosa.
<i>Devocional</i>	3. Ouvir missa pelas almas devotas de Nossa Senhora. 7. Invocar o socorro de Maria nas tentações. 8. Pedir a benção à Virgem Maria, ao começar qualquer ação. 11. Visitar alguma imagem da virgem. 14. Perdoar pelo amor de Maria. 19. Rezar com devoção. 27. Fazer o exame de consciência e o ato de contrição, antes de se deitar. 31. Fazer atos de amor com Jesus.

¹⁰⁸ ANDRADE, Maria Lucélia de. “**Filhas de Eva como anjos sobre a terra**”: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. p. 157.

¹⁰⁹ Cf.: *Ibid.*, p. 157-158.

<i>Missionário</i>	6. Dar uma esmola. 10. Não censurar o próximo, nem em coisas levíssimas. 13. Convidar alguém a fazer algum ato de religião. 15. Pedir a Virgem a conversão dos pecadores. 24. Edificar o próximo com palavras e por obras.
<i>Leituras</i>	4. Fazer leitura espiritual, ao menos por um quarto de hora. 21. Lançar fogo em algum retrato perigoso, indecente, ou livro mau; ou não os tendo, dar graças à Virgem.

Analisando o que foi descrito acima, notamos claramente aquilo que Foucault afirmar ser “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”¹¹⁰, cujo conjunto ele denomina de *disciplinas*.

Das sócias da Pia União das Filhas de Maria, era esperado um comportamento que as destacasse do restante da sociedade: ser Filha de Maria era ser um exemplo a ser seguido por todas as jovens da sociedade. Esse papel só seria plenamente exercido através da observação das regras, de uma vida sem vícios para obtenção de virtudes, uma vida em busca da purificação através de um cotidiano perpassado pela obediência irrestrita às normas. Corpos dóceis, mentes católicas; mulheres exemplares no seio de uma sociedade de excessos.

2.4 Purificando os corpos e elevando as almas

No *Manual* também encontramos um conjunto de regras que deveriam ser observadas pelas jovens para o seu crescimento espiritual. Essas regras, intituladas como *regras de uma vida na prática*, se referiam às orações matinais e as noturnas. As orações, fossem elas mentais ou orais, eram importantes por constituírem um exercício para a salvação, uma vez que expressavam a inteligência e o juízo, livrando quem as praticasse do pecado.

As orientações indicadas para as *orações da manhã* começavam com o sinal da cruz, com um gole de água benta e com os oferecimentos do dia; em seguida a jovem deveria oferecer o seu coração à Virgem Maria, invocar o seu anjo da guarda e fazer os atos de fé, esperança, caridade e contrição¹¹¹. Se porventura, a jovem não dispusesse de tempo suficiente deveria pelo menos dizer as seguintes palavras: “Meu Deus, eu creio em Vós, mas avivae a minha fé; – amo-vos, mas augmentae o

¹¹⁰ FOUCAULT, op. cit., 1977, p. 126.

¹¹¹ Ibid., p. 158-162.

meu amor; – peza-me de ter peccado, mas fazei que augmente mais e mais meu arrependimento”¹¹².

Para as *orações da noite*, era indicado que a jovem começasse fazendo um exame de consciência sobre tudo o que fez durante o dia e, depois, ajoelhada, recitasse a oração de arrependimento. Depois a jovem deveria realizar os mesmos atos feitos pela manhã, sua consagração a Nossa Senhora, o *Memorare de S. Bernardo*¹¹³, três ave-marias, a oração a Santa Inês¹¹⁴, uma oração pelos angustiados, pelos vivos e pelos mortos. Por fim, deveria jogar algumas gotas de água benta na sua cama, se benzer, beijar o crucifixo, beijar a medalha da associação e, por último, por o seu crucifixo embaixo do travesseiro¹¹⁵. O principal objetivo das orações feitas pelas associadas era a sua santificação e aproximação de Maria Santíssima.

Além destas regras para as orações, o *Manual* também traz regras o *sacramento da confissão e comunhão*. Sobre o *sacramento da confissão*, ele enfatiza que o mesmo servia para se alcançar o perdão de Deus após o batismo, um meio de se obter a graça divina; portanto, deveria ser realizada pelo menos uma vez por semana por toda Filha de Maria. A confissão colocava a jovem em um contato direto, individual e repetido com o seu confessor, permitindo, assim, que esta fosse educada na doutrina católica. Este também possibilita ao padre ter conhecimento sobre a vida moral da Filha de Maria e influenciar seu comportamento.

Para que a confissão produzisse efeito, a jovem deveria, antes de qualquer coisa, suplicar a Deus para ter conhecimento dos seus pecados e para renegá-los; examinaria sua consciência pondo sua alma em um estado extremo de contrição e propósito; declararia, humilde e sinceramente, todos os seus pecados ao seu

¹¹² Ibid., p. 162-163.

¹¹³ “Lembrae-vos, ó piissima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum d’aquelles que teem recorrido á vossa protecção, implorado a vossa assistencia e reclamado o vosso soccorro, fosse por Vós desamparado. Animada eu, pois, com igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como Mãe recorro, de Vós me valho, e gemendo sob o peso dos meus peccados, me prostro aos vossos pés. Não desprezeis as minhas supplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignae-vos de as ouvir propicia e alcançar o que vos rogo. Assim seja”. Ibid., p. 163-164.

¹¹⁴ “Ó gloriosa Santa Ignez, minha especial protectora, protegei-me em todas as minhas necessidades, infudi-me parte d’aquella fortaleza e coragem com que soubestes desprezar as seducções e as perseguições impios, e fazei que conservando-me fiel ao Senhor aqui na terra, possa um dia alcançar no Céu o premio das boas obras que praticar. Assim seja. / Santa Ignez, rogae por nós”. Ibid., p.165-

¹¹⁵ Ibid., p. 171-175.

confessor e não esqueceria, de após a confissão, agradecer a Deus a sua bondade e misericórdia.

Quanto às regras a serem observadas para a confissão, estas prescreviam que, enquanto esperava sua vez, a Filha de Maria se mantivesse afastada do confessionário para não ouvir outras confissões, sem risos, conversas ou olhares para os lados; concentrada em seus pecados, fizesse um minucioso exame de consciência, precedido por uma oração na qual assumisse sua posição de pecadora, mas expressasse, também, sua vontade de não mais pecar; neste exame deveria analisar se cumpriu ou não os seus deveres para com o próximo, para com a associação; por fim, fizesse o exame do seu cumprimento dos mandamentos de Deus e dos da Igreja. Chegada ao confessionário, a jovem, ajoelhada, se confessasse de maneira franca, objetiva e o mais breve possível. A ordem para a apresentação das faltas propunha uma escala da mais grave para a menos grave¹¹⁶.

Para o *sacramento da comunhão*, recomendava-se que a jovem estivesse de jejum, decentemente vestida, fosse para a mesa da comunhão de mãos erguidas e olhos baixos; chegada sua vez, a sua cabeça deveria estar levantada e seu olhar fixo no sacerdote. Antes de se dirigir à mesa, ela deveria dizer três vezes as seguintes palavras: “eu não sou digna nem merecedora que entreis na minha pobre morada; mas, dita a vossa santíssima palavra, os meus peccados serão perdoados e minha alma será salva”¹¹⁷.

Antes de ir à comunhão deveriam ser realizados os atos da comunhão, o de admiração, o de contrição, o de humildade, o de esperança, o de oferta e o de desejo. Depois da comunhão, deveriam ser feitos atos de fé, humildade, agradecimento, amor, oferecimento, esperança, súplica, caridade e desejo.

Para reforçar as *regras de vida na prática*, também deveriam ser realizados *retiros mensais e anuais*. O *mensal* poderia ocorrer a qualquer tempo na casa da própria associada; para este, a jovem deveria reservar um dia, no qual faria o jejum, reservaria uma hora para a morte, ajoelhada diante do crucifixo e, em seguida, um terço seria rezado e o ato de resignação à morte pronunciado. Quanto ao *anual*, deveria acontecer em uma casa de religiosas, e poderia ser realizado em maio (mês de Maria) ou dezembro (mês em que se comemora a festa de Nossa Senhora da

¹¹⁶ Ibid., p. 238-268.

¹¹⁷ Ibid., p. 273.

Imaculada Conceição); este seria organizado pelo diretor da associação, sua duração variava entre quatro e oito dias nos quais algumas horas eram gastas para o exame de seu comportamento, de seus atos e palavras, bem como para as reflexões propostas no programa do retiro¹¹⁸.



Figura 10 – Pia União das Filhas de Maria da Matriz da Piedade, após uma reunião mensal.
FONTE: Maria: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 13, n. 6, jun. 1925.



Figura 11 – Pia União das Filhas de Maria do Colégio Eucarístico no encerramento de um retiro espiritual.

FONTE: Maria: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 13, n. 10, out. 1925.

¹¹⁸ Cf.: Ibid., p. 297-309.

A partir das regras expostas, concluímos que a Pia União das Filhas de Maria correspondia aos ideais propagados pelo catolicismo romanizado, pois as suas associadas eram estimuladas a organizar retiros espirituais, a frequentar os sacramentos, principalmente, os da confissão e comunhão, a obedecer irrestritamente à hierarquia da Igreja entre outras.

Na capital pernambucana, as jovens que faziam parte desta associação, além de exerceram estas atividades religiosas, também se destacaram por uma atuação no campo da imprensa. Naquele período, o jornalismo era compreendido pela Igreja católica como um dos principais instrumentos utilizados para a propagação da sua doutrina e da sua moral, sendo, quando correspondia a tais perspectivas, denominado de *boa imprensa*.

3. “ELLAS” TAMBÉM ESCREVEM: Mãos femininas, mentes católicas

O jornal é o baluarte da propaganda religiosa. Todo o propagandista por officio como é o padre, ou por patriotismo divino, por amor da santa causa, não pode deixar de ter respeito a difusão da boa imprensa¹¹⁹.

3.1 Contra a imprensa, a imprensa

Na segunda metade do século XIX a Igreja Católica começou a ter consciência do alcance e da influência do jornalismo na sociedade; a palavra escrita e impressa passou a representar para as elites católicas (eclesiásticas e leigas), um dos principais instrumentos no combate aos inimigos. Eram “armas” eficientes em defesa da fé e da moral, eram “armas” eficazes na política diante da ascensão da República, portanto, deveriam ser exploradas.

Devido ao grande alcance e influência que a imprensa estava exercendo sobre os cidadãos de um novo contexto mundial, a hierarquia eclesiástica passou a defender com mais vigor a atuação dos católicos no campo da escrita, pois acreditava que o jornalismo poderia ser um grande aliado na propagação e defesa de sua fé. Nesta perspectiva, os católicos deveriam: “Portanto, combater com estas armas [periódicos] pela defesa da religião cristã, recebendo, como convém, as diretivas dos Bispos e guardando o respeito devido ao poder civil, não seja uma das menores solitudes dos católicos”¹²⁰.

Algo que vemos ecoar na voz de bispos brasileiros, como Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba, quando afirma na carta pastoral *Em Favor da Boa Imprensa Católica*, que: “Onde o púlpito dorme e não fala, o periódico torna-se para o povo o suplemento da homília ou da palavra do pároco e, para dizermos, todo o nosso pensamento, o seu único catecismo”¹²¹. Através desta afirmação do bispo de Curitiba, observamos que essa nova forma de interação entre clero e fiéis, era

¹¹⁹ A PROPAGANDA. **Tribuna Religiosa**: Órgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 6, n. 1, 06 jan. 1912. p. 01.

¹²⁰ LEÃO XIII. Sobre a imprensa. **Documentos pontifícios**. Petrópolis: Vozes, 1959. p. 11. Grifo original.

¹²¹ BARROS, D. José de Camargo. Em Favor da Imprensa Católica. In: LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (Sel. e Introd.). **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983. p. 35.

algo que tornava cada vez mais sólida a influência da Igreja num maior número de localidades, dando de forma eficiente sustentação a doutrina católica.

No início do século XX, a liderança eclesiástica intensificou a sua política em defesa da criação de uma imprensa que estivesse a serviço da defesa da moral, da ética e da fé cristãs. Neste sentido, passou a incentivar a comunidade católica a que dedicasse seus esforços na difusão e preservação de um jornalismo que defendesse e propagasse a verdade católica (a boa imprensa), em combate a um jornalismo que cada vez mais disseminava a “irreligião” e a “imoralidade” (a má imprensa).

Nesse contexto, dentre as preocupações da hierarquia eclesiástica, temos o uso dos jornais para a propagação dos ideais católicos numa sociedade cada vez mais em processo de descatholicização. Como nos aponta o historiador Oscar Lustosa, nas análises que fez das cartas pastorais emitidas por bispos brasileiros entre os anos de 1890 e 1930:

A Imprensa não podia faltar no rol dos recursos ou instrumentos significativos e eficientes a serem empregos a fim de viabilizar a missão eclesiástica e, também, a fim de opor, com as mesmas armas, um dique ao que se via como uma avalanche de males, carreados pelos “maus” periódicos¹²².

Argumentando que por ser o principal instrumento “de que os inimigos se valem é a imprensa, em sua grande parte inspirada e sustentada por eles”¹²³. Daí reforçavam a necessidade de “que os católicos oponham a boa imprensa à má imprensa para a defesa da verdade e da religião e para a salvaguarda dos direitos da Igreja”¹²⁴.

Naquele período o ministério da *boa imprensa* representava uma “arma” tão importante para a Igreja Católica, que o Pontífice Pio X¹²⁵ chegou a afirmar que “em vão construireis igrejas e edificareis templos majestosos se não cuidais da boa imprensa. Amanha estes templos e conventos e colégios e instituições de caridade poderão ser arrastados se deixarmos o povo envenenado pela má imprensa”¹²⁶.

¹²² LUSTOSA, 1983, p. 22. Grifo original.

¹²³ LEÃO XIII, op. cit., p. 09.

¹²⁴ Ibid., p. 09. Grifo original.

¹²⁵ O seu pontificado foi de 1903 a 1914.

¹²⁶ PIO X apud BRANDÃO, op. cit., p. 112.

Seguindo a orientação do Santo Papa, os líderes eclesiásticos do Brasil, para o cumprimento dos seus objetivos, além dos tradicionais instrumentos (como as associações religiosas que permitiam uma contínua comunicação com a população), também passaram a contar com as publicações de periódicos. Dentro da nova *práxis* do corpo eclesiástico estava presente a intenção de criação e expansão de novos jornais, os quais se destacariam por “uma concepção moral da Imprensa Católica, na qual o múnus do jornalismo, seria marcado, notadamente, pela tarefa de sanear os costumes ou sustentá-los nos quadros e nos princípios da ética cristã”¹²⁷.

Como nos afirma o sociólogo Sérgio Miceli,

outro item importante no programa mínimo de investimentos e realizações dos prelados da época consistiu na criação de diversos tipos de publicações, desde algumas poucas iniciativas bem-sucedidas de jornais diários, passando pelas revistas diocesanas com periodicidade mensal, pela impressão de boletins eclesiásticos para divulgação de documentos e diretrizes pontifícias e outras informações de interesse do clero local, até as revistas das obras e associações pias¹²⁸.

Uma pesquisa realizada em 1913, pelo Frei Pedro Sinzig, OFM, mostra que a ação do clero em prol da *boa imprensa*, nos primeiros anos do século XX, foi bem sucedida, pois, segundo a pesquisa, havia em todo o território brasileiro “cerca de 140 publicações periódicas católicas, sendo 71 jornais, 19 revistas e 50 outras publicações (almanaques, anuários, boletins etc.)”¹²⁹.

Com o objetivo de combater a *má imprensa* e os novos instrumentos de diversão e difusão de imagens, foi inaugurado, no dia 29 de janeiro de 1910, o *Centro da Boa Imprensa*, órgão que deveria nortear a reorganização da imprensa católica no país. Com a aprovação do Cardeal Arcoverde e do episcopado brasileiro, os seus estatutos determinavam que a sua finalidade fosse:

- 1 – Auxiliar bons jornais e revistas que quiserem aceitar seu programa de ação;
- 2 – Difundir a boa imprensa e a sã literatura;

¹²⁷ LUSTOSA, op. cit., p. 28. Grifo do original.

¹²⁸ MICELI, Sérgio. A gestão diocesana na República Velha. **Revista religião e sociedade**. São Paulo, v. 12, n. 1, 1985. p. 108.

¹²⁹ SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à libertação**: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 172.

- 3 – Favorecer a fundação e manutenção de bons jornais e revistas. Formar jornalistas e escritores; amparar jornalistas católicos na indigência;
- 4 – Favorecer aos jornais, revistas, pertencentes à coligação, artigos dos melhores escritores, sobre todas as questões;
- 5 – Servir de intermédio com os centros estrangeiros;
- 6 – Fornecer informações seguras sobre acontecimentos importantes e sobre o que se entender com a defesa da Igreja e de seus Ministros;
- 7 – Promover a publicação de bons livros, originais ou traduzidos;
- 8 – Auxiliar a fundação de bibliotecas populares e círculos de leituras;
- 9 – Promover congressos, reuniões, conferências, exposições etc.¹³⁰.

Entre os dias 31 de março e 4 de abril de 1910, foi realizado, em Petrópolis, o Primeiro Congresso dos Jornalistas Católicos, no qual foi criada a *Liga da Boa Imprensa*, a qual teria por objetivo auxiliar administrativa e financeiramente o *Centro da Boa Imprensa*. Para os congressistas, este órgão seria formado por grupos de católicos que deveriam contribuir mensalmente com a quantia de 10\$000 (dez mil réis), destinada ao *Centro da Boa Imprensa*¹³¹.

Além do recolhimento dessa contribuição mensal, os membros da *Liga da Boa Imprensa* também tinham o dever de rezar pelo sucesso da obra, contribuir para o desenvolvimento de bons jornais e para a fundação de bibliotecas católicas. Segundo o historiador Cláudio Aguiar Almeida, a “celebração de uma missa mensal pela intenção de todos, a concessão de indulgências especiais e a participação do ‘mérito de todo bem conseguido pela ação comum’, eram apontadas como vantagens que seriam usufruídas pelos membros da Liga”¹³². Em pouco tempo, a *Liga da Boa Imprensa* foi difundida em quase todos os Estados brasileiros.

A verdade da doutrina católica *versus* a verdade da vida mundana. O catolicismo travava uma luta continua para que sua verdade não fosse eclipsada por outras que vinham se consolidando e seduzindo cada vez mais a sociedade, inclusive os seus membros. Para tal empreitada, a de exercer sua vontade de verdade, a hierarquia eclesiástica se apropria das armas do homem moderno, a adequa ao seu discurso e tenta resistir as pressões externas, revestindo seus fiéis

¹³⁰ Ibid., p. 186.

¹³¹ ALMEIDA, Cláudio Aguiar. **Meios de comunicação católica na construção de uma ordem autoritária**: 1907/1937. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p. 54-55.

¹³² Ibid., p. 55.

com novas “armaduras de fé”, como jornais e revistas, nas quais a voz católica bradava contra os sons estridentes da vida moderna.

Essa relação entre saber e poder, discursos e vontade de verdade, pode ser exemplificada nas palavras de Michel Foucault:

Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, a segregação a loucura e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente. É que, há séculos, os primeiros não cessaram de orientar-se em sua direção; é que, cada vez mais, o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los; é que, se os dois primeiros não cessam de se tornar mais frágeis; mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, estalem contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável¹³³.

Através dos periódicos católicos podemos observar as estratégias da Igreja Católica para afirmar sua verdade num momento histórico, em que passava a ser questionada. Foi um período em que, vemos a redefinição do papel dos fiéis, principalmente o da mulher, para tal análise nos concentraremos na figura das Filhas de Maria e sua atuação na chamada *boa imprensa*.

A partir do que Michel Foucault afirma em *A ordem do discurso*, podemos tecer análises acerca de como atuaram as fiéis católicas dentro da imprensa: eram livres para pensar ou estavam perpassadas pelo discurso eclesiástico que lhes davam uma sensação de liberdade, mas que, na verdade estavam sendo enquadradas pelas novas formas de poder que a Igreja Católica passava a exercer?

3.2 Os alicerces da imprensa católica em Pernambuco

No início do século passado, o Episcopado brasileiro e diversas associações religiosas começaram a se articular, em seus Estados e nacionalmente, através de conferências episcopais e congressos católicos. Segundo Oscar Lustosa,

dentro desse movimento, a Imprensa Católica ocupava um lugar de destaque. Prova disto está nas pautas e programas dos diversos Congressos nacionais e regionais em que o tema do periodismo de tendências e de feitio católico vigora sempre como importante. A mesma preocupação se revela forte e clara nas determinações das

¹³³ FOUCAULT, op. cit., 2003, p. 19.

Conferências dos bispos do norte e do sul do país que se realizavam quase trienalmente¹³⁴.

Confirmando o acima citado, durante o Primeiro Congresso Católico de Pernambuco, realizado em junho de 1902, a criação de um jornal católico no Estado fazia parte do seu *Programa*.

Na sessão de instalação do Primeiro Congresso Católico de Pernambuco, Dom Luiz Raimundo da Silva Brito proferiu um discurso no qual manifestou aos congressistas o seu interesse na criação de um jornal católico em sua Diocese. Pois, segundo o Bispo, no momento atual, “indispensável é pensarmos na imprensa, poderoso elemento de propaganda e defesa; para ella chamo vossa atenção, de modo que possamos ter um órgão catholico, que seja ao mesmo tempo boletim diocesano”¹³⁵.

As últimas palavras proferidas neste discurso foram direcionadas às mulheres católicas, que, no entendimento do eclesiástico, deveriam unir forças para o desenvolvimento e sucesso do projeto de um periódico católico no Recife. Neste sentido, ele afirmava:

E vós, minhas dilectas filhas e Exmas. Sras., em cujos corações a fé se tem conservado pura e a moral impolluta, mostrae que sois christãs e brasileiras; de vós dependerá em grande parte o triumpho glorioso de nossa idéia, tomae-a em vossas mãos delicadas que têm o condão de abrir todos os corações, apregoae-a com vossa voz melindrosa, apresentae-a aos vossos esposos, ensinae-a aos vossos filhos, e desenvolvei esse zelo conhecido, para que os anjos do céu tomem, como sua, a empreza sustentada pelos anjos da terra¹³⁶.

Assim, a mulher como um agente da fé, dentro do seu lar ou no espaço público, que através de seu exemplo como fiel regrada e devota estaria na linha de frente, com a chancela da Igreja Católica, para lutar pela mesma, sempre em defesa da verdade católica. Contudo, não seria, como já observamos, qualquer mulher, mas sim, aquelas que estivessem enquadradas no perfil que a Igreja desejasse. Para a construção desse discurso, a hierarquia eclesiástica impunha determinadas normas, pois

¹³⁴ LUSTOSA, op. cit., p. 18. Grifo original.

¹³⁵ BRITO, Dom Luiz Raimundo da Silva. Discurso. **Annaes da obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d’ A Província, 1902. p. 19.

¹³⁶ Ibid., p. 20.

trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo¹³⁷.

O tema da *boa imprensa* e da criação de um jornal católico estava contemplado na *Terceira Secção: Instrução, Educação e Imprensa*, do Primeiro Congresso Católico de Pernambuco. O responsável pela palestra em que esta temática seria discutida, foi o Dr. Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos, senador e ex-professor da Faculdade de Direito do Recife.

O senador proferiu a palestra *Imprensa – Meio pratico de fundação de um jornal catholico na diocese*. Ele iniciou dissertando sobre os males que a *má imprensa* tem causado para a Igreja Católica e para a família recifense, afirmando ser “incalculavel o estrago e a devastação que um mau jornal exerce, quer na moral publica e social, quer na moral privada e individual”¹³⁸. Pois, como “serpente insidiosa, o jornal impio encobre sob palavras enganadoras o veneno que destila e que pretende inocular no organismo social”¹³⁹.

Para o orador, uma vez que os governantes nada faziam para defender a sociedade dos constantes ataques do jornalismo ateu contra a ética e moral das famílias, caberia aos católicos entrar no campo da escrita para defendê-la. Para isto, ele propôs dois meios, que acreditava serem eficazes:

Em primeiro lugar, sejamos vigilantes para que os maus jornaes não penetrem em nossas casas, não profanem o nosso lar: formemos todos os catholicos uma liga contra essa tuberculose impressa, para que ella não se propague entre nós. E, como nós somos a grande maioria, a quasi unanimidade, quando esses mensageiros da immoralidade não poderem romper o cordão sanitario que lhe tivermos opposto, morreram de inanição.

Em segundo lugar, é preciso crear um jornal catholico n'esta diocese¹⁴⁰.

¹³⁷ FOUCAULT, op. cit., 2003, p. 36-37.

¹³⁸ VASCONCELOS, Albino Gonçalves Meira de. *Imprensa: Meio pratico de fundação de um jornal catholico na diocese*. **Annaes da obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d' A Provincia, 1902. p. 301-302.

¹³⁹ Ibid., p. 302.

¹⁴⁰ Ibid., p. 307. Grifo original.

Mais adiante, o Dr. Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos afirmou ter consciência das dificuldades que os católicos enfrentariam na realização de tal projeto. Acreditava que montar uma pequena tipografia e fazer sair os primeiros exemplares de um jornal, não seria uma tarefa tão difícil; o mais complicado, em sua visão, seria a sua manutenção. Assim, fazia-se necessário que todos os católicos se convencessem de que era sua obrigação defender e manter o periódico.

Objetivando proporcionar os meios concretos para a viabilização de um jornal católico na diocese, o senador solicitou que os párocos não medissem esforços para mostrar aos seus fiéis o bem que um jornal católico representaria para a defesa da fé, da moral e da ética cristãs, e que, portanto, deveriam contribuir para este feito.

Encerrando sua palestra, ele propôs que o trabalho para a fundação de um jornal católico em Pernambuco, ficasse sob a responsabilidade dos monges do Mosteiro de São Bento, “ordem religiosa que tem sempre iluminado o mundo com os resplendores de sua sciencia, e servido de exemplo a todos pela rigidez de sua fé [...] incansáveis trabalhadores, a que a religião tanto deve”¹⁴¹. E que se formasse uma comissão permanente, a qual deveria ser composta por religiosos e leigos, para auxiliar os beneditinos nas questões morais e financeiras daquele projeto.

Ao término do Primeiro Congresso Católico de Pernambuco, os congressistas chegaram às seguintes conclusões:

1. O congresso resolve a fundação de um jornal catholico, que sirva de órgão aos seus sentimentos e idéas, advogue as necessidades religiosas da diocese, e combata os erros da propaganda anti-catholica entre nós.
2. O congresso exige de todos os catholicos de Pernambuco, com um dever de religioso, que contribuam, com donativos ou assignaturas, para a criação e manutenção d’esse jornal.
3. Que os Rvdms. Parochos, em suas freguesias, se esforcem por chamar os seus parochianos á compreensão e comprimento d’esse dever.
4. Que a mesa do congresso se entenda com os Rvdms. Benedictinos no intuito de conseguir d’eles que se encarreguem da empreza do referido jornal, tanto na parte material como na parte moral.

Que a mesa nomeie opportunamente uma commissão permanente, encarregada de auxiliar aquelles Rvdms. Padres no desempenho de sua ardua tarefa, tanto na parte moral como na parte material da empreza¹⁴².

¹⁴¹ Ibid., p. 309.

¹⁴² Ibid., p. 310-311. Grifo nosso.

Passados quatro anos, as deliberações de Dom Luiz Raimundo da Silva Brito e dos congressistas de 1902, tornaram-se realidade, pois começava a circular o jornal *A Tribuna*¹⁴³, principal instrumento da *boa imprensa* no Estado de Pernambuco.

3.3 A Tribuna e as Filhas de Maria

Na cidade do Recife, durante o período que estudamos, foram publicados alguns periódicos católicos, como *A Crença*, *O Dia* e *A Tribuna*. Entre estes, o de maior circulação e importância, foi sem dúvida, *A Tribuna*, que pertencia à Arquidiocese de Olinda e Recife, era fiscalizado diretamente pelo próprio arcebispo, e tinha como finalidade a publicação de questões e visões oficiais da Igreja Católica.

O referido jornal surgiu no Seminário de Olinda, após reunião realizada no dia 13 de julho de 1906, por grupo de seminaristas que formavam a Pia União de São Luiz de Gonzaga, estes decidiram pela criação de um periódico que seria denominado de *A Tribuna – Publicação promovida, com aprovação eclesiástica, pela Pia Associação de São Luiz de Gonzaga*. Seu primeiro exemplar foi publicado no dia 26 de agosto de 1906, sendo este composto por quatro páginas, sendo cada uma dela dividida em duas colunas e com periodicidade quinzenal. Sua sede ficava no Seminário de Olinda e a impressão era feita na gráfica do Jornal do Recife, localizada na Rua do Imperador.

No editorial da primeira edição, os redatores expressavam como sua principal finalidade:

Isto não é um jornal, é um incentivo apenas.
 O desejo de levar a palavra de Deus por aí afora, de porta em porta, foi o seu único objetivo.
 É sabido que esforço empregam os filhos das trevas, senão para destruir a verdade, ao menos para cercá-la de mil preconceitos que a tornem odiosa ou impossível.
 Uma palavra despretensiosa e verdadeiramente evangélica bem pode convencer alguns, premunir a muitos e ser apropriado incentivo para a prática de olvidados deveres religiosos.
 É este o nosso fim¹⁴⁴.

¹⁴³ Neste trabalho, faremos um breve histórico sobre o jornal *A Tribuna* desde 1906, ano da sua criação, até 1922, ano que encerra o nosso marco cronológico. Esclarecemos, todavia, que este periódico circulou na capital pernambucana até a década de 1980.

¹⁴⁴ A TRIBUNA *apud* NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Volume VII. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1975. p. 181.

Seus primeiros redatores foram os padres José Pereira Alves, João Tavares de Moura, Augusto Álvaro da Silva e Francisco de Luna Sobrinho. Os exemplares iniciais eram compostos por um editorial, pelas seções *Evangelho*, *Cartas*, *Crônica*, *Noticiário* e por outras colaborações. Uma portaria de Dom Luiz Raimundo da Silva Brito, publicada no número 10, datado de 13 de janeiro de 1907, recomendava: o aumento no corpo da sua redação, passando o mesmo a ser dirigido pelo Monsenhor Marcolino Pacheco do Amaral; a inserção da seção *Boletim Oficial*, destinada à divulgação das disposições da Santa Sé e da administração diocesana; que cada freguesia contribuísse com 50\$000 para ajudar nas despesas da publicação¹⁴⁵.

A partir da edição de 1º de fevereiro de 1907, o periódico passou a ser intitulado como *Tribuna Religiosa – Órgão da Diocese de Olinda*. Cada página passou a ser composta por três colunas e sua confecção foi transferida para a Imprensa Industrial, localizada na Rua do Apolo. O número 24, publicado em 15 de agosto de 1907, trazia mais algumas alterações: quatro colunas em cada página e a impressão transferida para a Agência Jornalística Pernambucana, situada na Rua do Imperador.

Em 1909, a sua publicação passou a ser realizada semanalmente, o seu formato manteve-se o mesmo, alterando-se somente o número de colunas que então passava a ser de cinco em cada página. Contudo, a mudança mais significativa foi que o mesmo passou a ser impresso na sua própria oficina gráfica, localizada na Rua da Aurora. No mesmo ano, a *Tribuna Religiosa*, abriu campanhas contra o líder protestante Jerônimo Gueiros, contra os periódicos *O Missionário*, *Jornal do Recife* (ambos da capital) e *O Norte Evangélico* (de Garanhuns)¹⁴⁶.

Um novo corpo editorial, composto pelos padres Alberto Pequeno (diretor), José Pereira Alves (secretário) e José G. de Sá Leitão (gerente), assumiu a direção do jornal em abril de 1911. Depois de três anos, o Padre Alberto Pequeno foi substituído pelo Padre Leonardo Mascelo, e a direção do periódico passou às mãos do Padre José Pereira Alves¹⁴⁷.

¹⁴⁵ NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Volume VII. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1975. p. 181-182.

¹⁴⁶ Ibid., p. 183.

¹⁴⁷ Ibid., p. 183.



Figura 12 – Capa do jornal *Tribuna Religiosa*.

FONTE: *Tribuna Religiosa*: Orgão oficial da arquidiocese de Olinda. Recife, ano 10, n. 27, 14 ago. 1916.

Entre os anos de 1915 e 1917, a *Tribuna Religiosa* teve o seu formato reduzido, e chegou a ter sua publicação cancelada por um curto período. Segundo o jornalista Luiz do Nascimento,

devido às dificuldades que se opunham à aquisição de papel, em consequência da guerra europeia, a *Tribuna Religiosa* viu-se na contingência de reduzir o formato, o que se verificou de 1º de maio de 1915 a 2 de dezembro de 1916, sendo, então, redator-secretário o Padre Alfredo Xavier Pedrosa. E ficou suspensa. Depois de 'forçado repouso', por 'motivos de ordem superior', reapareceu a 15 de março de 1917, restabelecido o formato anterior de quatro colunas¹⁴⁸.

A partir da edição de 6 de janeiro de 1921, este periódico passou a se intitular *A Tribuna – Hebdomadário Católico*, o seu corpo redacional também sofreu novas

¹⁴⁸ Ibid., p. 184. Grifo original.

modificações, passando a ser composto pelos padres José Pereira Alves (diretor), Xavier Pedrosa (redator-chefe) e Euvaldo Souto Maior (redator-secretário)¹⁴⁹.

Quadro 3 – Corpo editorial do jornal <i>A Tribuna</i> (1906-1922)		
<i>Nome</i>	<i>Função</i>	<i>Área de atuação</i>
Cônego Alfredo Xavier Pedrosa	Secretário Redator Redator-chefe	- Membro da Academia Pernambucana de Letras. - Diretor e secretário da revista "Maria".
Dom José Pereira Alves	Secretário Redator Diretor	- Professor e reitor do Seminário Diocesano. - Vigário Capitular da Arquidiocese de Olinda e Recife. - Sócio Honorário do Círculo Católico em 1932. - Membro honorário do IAHP. - Diretor do jornal "Mês do Clero". - Fundador/responsável da revista "Maria". - Membro da Academia Pernambucana de Letras.
Dom João Tavares de Moura	Redator	- Cônego, reitor do Colégio Diocesano. - Primeiro bispo de Garanhuns.
Dom Augusto Álvaro da Silva	Redator	Vigário de São José. - Bispo de Floresta. - Sócio Honorário do Círculo Católico de Pernambuco. - Sócio correspondente do IAHP.
Padre Francisco de Luna Sobrinho	Redator	- Vigário de Vicência.
Monsenhor Marcolino Pacheco do Amaral	Diretor	- Vigário Capitular de Olinda. - Publicou as Cartas Pastorais.
Padre Alberto Teixeira Pequeno	Diretor	- Fundador/responsável da revista "Maria". - Professor do Seminário Episcopal.
Padre José G. de Sá Leite	Secretário	- Dado não encontrado.
Padre José do Carmo Barata	Secretário	- Sócio remido do Círculo Católico de Pernambuco. - Participou da diretoria do Círculo Católico de Pernambuco. - Fundador responsável da revista "Maria".
Padre Leonardo Mascello	Secretário	- Sócio correspondente do IAHP. - Professor de língua e literatura italiana. - Diretor da revista "Maria".
Padre Euvaldo Souto Maior	Secretário	- Dado não encontrado.

¹⁴⁹ Ibid., p. 184.

Semelhante a diversos periódicos que circularam no início do século XX, A *Tribuna* passou por várias dificuldades financeiras, as quais levavam os seus redatores a realizarem constantes pedidos de apoio à comunidade católica. Esses pedidos eram realizados através de matérias publicadas no próprio jornal, através dos padres em suas paróquias e até mesmo pelo arcebispo que, em várias ocasiões, solicitou aos católicos que angariassem assinaturas do periódico:

O sr. Arcebispo incitou todas as associações a trabalharem com denodo em favor da imprensa catholica, a arma por excellencia dos nossos tempos.

Pediu a todas as associações confederadas que angariassem assignaturas da Tribuna Religiosa¹⁵⁰.

O supracitado pedido do arcebispo foi direcionado a algumas associações católicas femininas, em encontro realizado no mês de dezembro de 1918. Depois de um mês, foi realizado outro encontro com o mesmo grupo de mulheres para que estas apresentassem o resultado de seus trabalhos, o qual foi bastante agradável aos olhos de Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra¹⁵¹.

Encarregara o sr. Arcebispo as associações confederadas, na ultima reunião de Dezembro, de trabalharem em favor da imprensa catholica, angariando novas assignaturas para a Tribuna Religiosa. As senhoras catholicas de Pernambuco mostraram mais uma vez que, quando amam uma causa, entregam-se a ella com toda a dedicação.

Foram 708 assignaturas novas que as associações femininas apresentaram ao sr. Arcebispo.

O sr. Arcebispo encerrou a sessão com elevadas palavras de elogios e gratidão às Associações Catholicas femininas, palavras que, de todo coração, fazemos nossas¹⁵².

Entre as associações que faziam parte dessas reuniões organizadas e presididas pelo próprio líder da Arquidiocese de Olinda e Recife, estavam as Pias Uniões de Filhas de Maria, da capital pernambucana. Em inúmeras reuniões da

¹⁵⁰ ACÇÃO Social Catholica Feminina. A favor da imprensa catholica. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 13, n. 1, 09 jan. 1919. p. 01.

¹⁵¹ Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra foi o 2º Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e o 1º Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, na qual ficou à frente de 1916 a 1921.

¹⁵² ACÇÃO Catholica Feminina. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 13, n. 4, 30 jan. 1919. p. 01. Grifo nosso.

*Confederação das Associações Católicas – Sessão Feminina*¹⁵³, que ocorriam mensalmente sob a direção do arcebispo, as Filhas de Maria se destacaram devido aos resultados satisfatórios dos trabalhos que desenvolviam em prol da *boa imprensa*. Como podemos verificar na reunião do mês de janeiro de 1921:

Ha dias já nos chegara a noticia de que um grupo de zelosas senhoritas andavam com sollicitude angariando assignaturas para 'A Tribuna'.

E o resultado foi aquelle que vimos.

Chamadas as diversas associações a maioria dellas, trouxe o seu contingente de animador.

Mas subiram ao auge a alegria e o entusiasmo da selecta assembléa quando a Pia União das Filhas de Maria do Collegio da sagrada (sic) Família apresentou as suas listas.

Eram 230 assignaturas da 'A Tribuna' pagas adiantadamente. Bravo! Senhoritas! Foi o grito mudo de todos.

As filhas (sic) de Maria do Collegio de Casa Forte são as *amazonas de Deus e da Boa Imprensa!* Será isto motivo de inveja para alguém? Não. De estímulo, sim! De ufania para todos nos. Consola tanto zelo, e anima tanto carinho pela nossa causa¹⁵⁴.

O excelente desempenho das Filhas de Maria na propagação de *A Tribuna* pode ser atribuído a uma campanha iniciada em 1911, durante o arcebispado de Dom Luiz Raimundo da Silva Brito, com aquela associação, quando o periódico passou a publicar algumas matérias de incentivo à participação destas mulheres nos trabalhos de divulgação do jornalismo católico:

O apostolado da Boa Imprensa é uma questão visceral. Diffundir o bom jornal, arranjar assignaturas, inculcar a leitura é fazer-se benemerito da Religião, é levar luz ás trevas de muitas intelligencias, alento e esperanças á agonia e desanimo de muitos corações, é ser apóstolo e collaborador de Deus na salvação do mundo.

Eis uma bella e imprescidivel forma de apostolado digna de ser posta em pratica pelas 'Filhas de Maria'. Diffundir a Boa Imprensa é um sacerdocio. Porque as 'Filhas de Maria' não serão as nobres e abnegadas sacerdotizas desse grande ministério?

Promovam assignaturas em suas casas, entre as pessoas de suas relações, entre os estranhos com uma grande constancia; inculquem

¹⁵³ No mês de setembro de 1918, no salão nobre do Circulo Católico, o arcebispo Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, realizou uma cerimônia para a instalação da *Confederação das Associações Católicas: Sessão feminina*, da Confederação das Associações Católicas da Arquidiocese e Olinda e Recife. Cf. CONFEDERAÇÃO das Associações Catholicas: Sessão feminina. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 12, n. 38, 03 out. 1918. p. 01.

¹⁵⁴ CONFEDERAÇÃO Catholica. Sessão das senhoras. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 15, n. 5, 03 fev. 1921. p. 02. Grifo original.

com convicção a leitura dos bons periodicos e folhas, façam que elles avassallem todos os lares e passem por todas as mãos. Exercei com paixão e entusiasmo, Filhas de Maria, esta Grande Obra do bem¹⁵⁵.

Neste sentido, as jovens deveriam dedicar seus esforços angariando o maior número de assinaturas de *A Tribuna* que pudessem, pois, dessa forma, estariam fortalecendo a *boa imprensa*, contribuindo assim, para a propagação da fé, ética e moral católica.

A atuação das Filhas de Maria no meio jornalístico foi tão satisfatória, que dois anos após o início dos seus trabalhos na propagação do jornalismo católico, elas conquistaram o direito de publicarem o seu próprio periódico, a revista *Maria*. Esta revista tinha o apoio do jornal *A Tribuna*, que repetidas vezes publicou notas sobre o periódico, como observamos na edição de 22 de março de 1923, na qual foi publicada a seguinte nota: “dez annos de serviços prestados ao publico! A revista 'Maria' já não pode mais desaparecer do scenario da imprensa. É um baluarte que cada vêz mais se afirma no conceito da sociedade”¹⁵⁶.

A introdução da revista *Maria* como meio de comunicação da Igreja Católica com a sociedade, e mais especificamente com o sexo feminino, representa o reflexo dos trabalhos realizados pelas Filhas de Maria em prol do jornalismo católico, revelando-nos sua importância para a execução e expansão da *boa imprensa* na capital pernambucana.

3.4 Revista *Maria*, imprensa feminina no Recife

O ano de 1911 marca o início da atuação das Filhas de Maria no campo jornalístico, através de uma forte propagação da imprensa católica, na qual estas jovens se destacaram por angariarem um expressivo número de assinaturas para o jornal *A Tribuna*. O desempenho conseguido proporcionou-lhes a conquista de um periódico próprio, a revista *Maria*¹⁵⁷. A introdução deste periódico representa uma

¹⁵⁵ A BOA imprensa e as Filhas de Maria. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 5, n. 27, 08 jul. 1911. p. 01. Grifo nosso.

¹⁵⁶ A REVISTA Maria. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 17, n. 11, 22 mar. 1923. p. 04.

¹⁵⁷ Neste trabalho, faremos um breve histórico sobre a revista *Maria* desde 1913, ano de sua criação, até 1922, ano que encerra o nosso marco cronológico. Esclarecemos, entretanto, que em 2010, este periódico ainda encontra-se em circulação na capital pernambucana.

verdadeira conquista para as mulheres católicas da época, pois aquelas jovens conquistaram o seu lugar na imprensa recifense.

O periódico, *Maria – Revista Mensal Literária, Apologética e Noticiosa*, começou a circular em abril de 1913. Era publicado pelas Filhas de Maria, com a finalidade de propor a continuidade da relação de suas associadas com a devoção à Santíssima Virgem, com os trabalhos da Igreja e com a própria associação.

Como todos os periódicos católicos do período, a revista era supervisionada por líderes eclesiais; assim, a sua primeira mesa diretora foi composta pelos padres Alberto Pequeno, José Pereira Alves, José do Carmo Barata e Guilherme Wassen; com exceção deste último, os outros três faziam parte da redação do jornal *A Tribuna*.

Depois de catorze meses de circulação ininterrupta, a revista teve sua publicação interrompida. Em abril de 1915, voltou a ser publicada, tendo a sua sede no Seminário de Olinda. Em julho daquele mesmo ano, foi publicada a edição de número 4, a qual trouxe algumas modificações: o subtítulo passou a ser *Revista das Filhas de Maria*; a redação foi completamente modificada, passando a ser composta pelos padres Leonardo Mascello (diretor), Alfredo Xavier Pedrosa (secretário) e Henrique Vieira (gerente); e seus trabalhos gráficos passaram a ser realizados pela Imprensa Industrial.

Em maio de 1917, o Padre Henrique Vieira foi substituído pelo Padre Eivaldo Souto Maior na gerência da revista. Em outubro de 1919, sua sede foi transferida para o Recife, passando a funcionar na Rua Conde da Boa Vista, n. 640. Em junho de 1920, o Padre Leonardo Mascello, diretor da revista, foi substituído pelo Cônego Alfredo Xavier Pedrosa.

Quadro 4 – Corpo editorial da revista <i>Maria</i> (1913-1922)		
<i>Nome</i>	<i>Função</i>	<i>Área de atuação</i>
Padre Alberto Teixeira Pequeno	Fundador/responsável (04/1913-05/1914)	- Diretor do jornal “A Tribuna”.
Dom José Pereira Alves	Fundador/responsável (04/1913-05/1914)	- Redator, secretário e diretor do jornal “A Tribuna”. - Professor e reitor do Seminário Diocesano. - Vigário Capitular da Arquidiocese de Olinda e Recife. - Sócio Honorário do Círculo

		Católico de Pernambuco. - Membro honorário do IAHP. - Dirigiu o jornal "Mês do Clero". - Membro da Academia Pernambucana de Letras.
Padre José do Carmo Barata	Fundador/responsável (04/1913-05/1914)	- Redator e secretário do jornal "A Tribuna". - Sócio remido do Círculo Católico de Pernambuco. - Participou da diretoria do Círculo Católico de Pernambuco.
Padre Guilherme Wassen	Fundador/responsável (04/1913-05/1914)	- Fundador do Círculo Operário do Recife. - Co-fundador da Escola de Belas Artes do Recife. - Fundador do Círculo Operário do Recife. - Membro do Círculo Católico de Pernambuco.
Padre Leonardo Mascello	Diretor (04/1915-05/1920)	- Redator e secretário do jornal "A Tribuna". - Sócio correspondente do IAHP. - Professor de língua e literatura italiana.
Cônego Alfredo Xavier Pedrosa	Secretário (04/1915-05/1920) Diretor (06/1920-12/1922)	- Redator e secretário do jornal "A Tribuna". - Membro da Academia Pernambucana de Letras.
Padre Henrique Vieira	Gerente (04/1915-04/1917)	- Dado não encontrado.
Padre Euvaldo Souto Maior	Gerente (05/1917-02/1922)	- Dado não encontrado.

A numeração dos exemplares correspondia ao mês do ano, assim, a sua contagem se reiniciava anualmente indo do número 1 ao 12. Cada exemplar era composto por uma média de 16 a 30 páginas. As capas eram bem ilustradas, e quase sempre traziam imagens dos santos católicos, com a marcante predominância da imagem de Nossa Senhora; em alguns exemplares, estampou em suas capas retratos de personalidades eclesásticas (como arcebispos) e de monumentos arquitetônicos (como igrejas).

Observamos que, entre julho de 1915 e novembro de 1917, com exceção dos números 7/8, referente aos meses de julho/agosto de 1916¹⁵⁸, e do número 5, referente ao mês de maio de 1917¹⁵⁹, todas as capas tiveram o mesmo *design*: o nome da revista em destaque, seguido por um terço, ao centro deste se encontrava a imagem de nossa Senhora das Graças, em seu entorno a frase *Ó Maria concebida*

¹⁵⁸ Na capa deste número, temos a fotografia de Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, em homenagem a sua posse na Arquidiocese de Olinda.

¹⁵⁹ Na capa deste exemplar, temos a imagem da Virgem Maria com o menino Jesus.

sem pecado, rogae por nós que recorremos a vós; abaixo da Virgem, uma paisagem tropical, composta por coqueiros, o mar e uma igreja localizada no alto de um morro; por fim, um retângulo contendo os dados bibliográficos do exemplar.

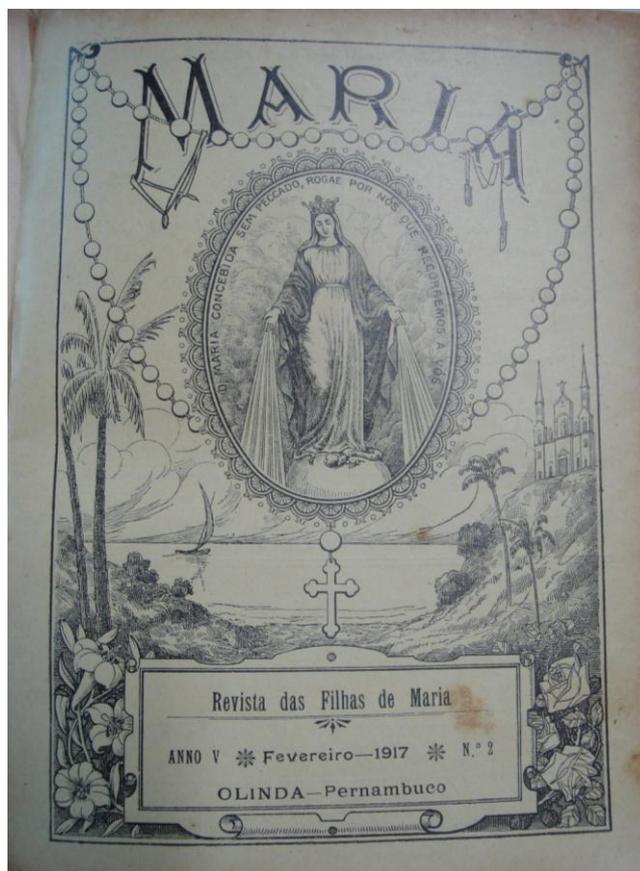


Figura 13 – Capa da revista *Maria*.

FONTE: *Maria*: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 5, n. 2, fev. 1917.

Praticamente todos os exemplares da revista *Maria* reservavam uma página dedicada ao registro dos nomes de alguns assinantes; este espaço inicialmente intitulou-se *Assignaturas de Protecção*, sendo depois substituído por *Quadro de honra dos protectores da revista Maria*. Entre eles, figuravam senhoras da alta sociedade recifense (como Maria Pedrosa de Andrade Borba, Alice de Sá Correa de Oliveira e Maria Adelaide Aranha Brandão Cavalcanti), instituições de ensino (como o Colégio de São José, Colégio do Sagrado Coração Eucarístico e Colégio das Damas da Instrução Cristã) e de Pias Uniões (como a Pia União das Filhas de Maria do Barro, Pia União das Filhas de Maria do Colégio da Sagrada Família de Casa Forte e Pia União das Filhas de Maria de Ponte de Uchoa).

O corpo textual de *Maria* era bastante diversificado, sendo formado por: notícias locais, nacionais e internacionais, tanto religiosas quanto laicas; atividades a serem realizadas e as já realizadas pelo clero, pelas igrejas e pelas próprias Filhas de Maria; textos de combate às novidades modernas consideradas perniciosas (como roupas, danças e cinema); poesias; artigos sobre devoção, vida religiosa, boa conduta etc. Ainda sobre os textos, destacamos o cuidado na elaboração dos títulos, que se caracterizavam por serem bastante claros, objetivos e atraentes, vejamos alguns exemplos: *Moda que santifica* (julho de 1915), *Mysticas Flores a Maria* (março de 1917), *O Ceará e as grandes seccas* (fevereiro de 1920), *Sem religião, sem nada* (abril de 1922) etc.

De 1913 a 1922, encontramos em *Maria* algumas sessões que perduraram por alguns anos, tendo sido praticamente estáveis: *Notas e Factos* (pequenas notícias sobre o Brasil e o mundo), *Respigando...* (curiosidades, poesias, pequenos contos, provérbios e afins) e *Revista do mez* (indicações de livros, revistas e jornais para leitura).

Nas duas primeiras décadas do século XX, a grande maioria dos periódicos (laicos e religiosos) publicados na capital pernambucana, reservava suas últimas páginas para a publicidade comercial. Contrariando esta tendência, a revista *Maria*, durante os seus primeiros sete anos de existência, não publicou nenhum tipo de propaganda comercial.

Em janeiro de 1922, ela passou a seguir o padrão editorial da maioria dos outros periódicos, reservando, assim, a sua última página para publicidade comercial; entre os anunciantes estavam os serviços de profissionais liberais (como o Atelier de Bordados, de Madame Palhares Revoredo), as casas comerciais (como a Casa Roma), os produtos alimentícios (como a Farinha Láctea e o Leite Moça) entre outros.

Por fim, ressaltamos que a revista *Maria* representou uma verdadeira conquista das mulheres católicas daquela época, pois elas conquistaram um lugar na imprensa num momento em que a participação das mulheres neste campo era bastante dificultada e até mesmo negada a possibilidade da existência de uma imprensa feminina laica.

3.5 Uma revista a serviço da normatização

A revista *Maria* foi um dos instrumentos utilizados pelos líderes eclesiásticos da cidade do Recife para a propagação da devoção mariana e para a normatização da mulher católica, especialmente das Filhas de Maria. Um artigo nela publicado, em fevereiro de 1917, intitulado *A-B-C das Filhas de Maria*, nos aponta uma pequena amostra das qualidades que deveriam ser perseguidas pelo sexo feminino:

Ardentes no amor de Deus e da Virgem.
 Benevolas com os pobres.
 Dedicadas no ensino do Cathecismo.
 Esmeradas no cumprimento do que preceitua o Manual.
 Frequentes na communhão.
 Guardadoras da lei de Deus e da Igreja.
 Humildes com seus paes e superiores.
 Innocentes em suas conversas.
 Joviaes com suas irmãs e companheiras.
Kyrie Eleison seja o seu grito nos soffrimentos.
 Livros honestos ornem sua estante.
 Modesto seja o seu porte.
 Niveo o vestuario.
 Obediente o seu coração.
 Pura a su'alma.
 Quietação reine seu juízo.
 Real seja o seu affecto.
 Salutares sejam seus conselhos.
 Terna seja sua voz.
 Uteis sejam suas acções.
 Veridicas as suas palavras.
 Zelosas sejamos todas nós em aprender este A-B-C¹⁶⁰.

Neste *A-B-C* identificamos instruções relacionadas à devoção (ardentes no amor de Deus e da Virgem), doutrina (frequentes na comunhão), comportamento (modesto seja seu porte), dever religioso (dedicadas no ensino do catecismo) e dever social (benévolas com os pobres). Em suma, um conjunto de regras que deveriam ser observadas pelas jovens católicas.

As Filhas de Maria deveriam ser verdadeiros exemplos a serem seguidos pelas outras jovens, portanto não poderiam se macular com algumas novidades culturais da modernidade, como vestuário, danças e cinema. Assim, alguns artigos foram publicados na revista *Maria*, os quais tinham por objetivo mostrar que estas novidades eram as principais responsáveis pela imoralidade e desvalorização da

¹⁶⁰ ANGELUS. A-B-C das Filhas de Maria. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 5, n. 2, fev. 1917. p. 195. Grifo original.

família e da sociedade. Vigiar e orar, se penitenciar quando necessário, praticar uma vida regrada, longe dos excessos, ou seja, ser uma mulher exemplar. Nessa empreitada ardorosa, a *boa imprensa* desempenharia um importante papel, apregoando a palavra católica diante das más influências, em um veículo a serviço da disciplina.

A influência das roupas européias sobre as mulheres recifenses foi um ponto de questionamento e rejeição, tanto do clero quanto das mulheres de “boa família”, pois as roupas da moda européia eram mais curtas (deixando partes do corpo à mostra) e mais justas (delineando o corpo).

A moda, a terrível corruptora, investiu até contra os lares. Arregaçou as saias das donzellinhas e desceu o decote das senhoras. A moda está corrompendo tudo, sem o menor respeito às coisas mais puras, mais recatadas ou mais sagradas. Tristes tempos estes, em que a própria família não se sente forte na sua moralidade e inabalável na sua pureza!¹⁶¹.

Com o objetivo de preservar o corpo da mulher dos olhares maliciosos, a revista *Maria* publicou em março de 1919, o artigo *A moda sem freios*, o qual trazia para as suas leitoras a seguinte recomendação:

É preciso formar-se barreira á moda despudorada, que por ahi fóra, tristemente impera, faz-se necessario que o garnde numero de jovens e senhoras que formam as Congregações marianas (*sic*), sejam solícitas e persistentes em não seguir os costumes grandemente paganizados de hoje¹⁶².

Outra preocupação dos eclesiásticos eram os novos meios de comunicação social que, na visão destes, também contribuía para a desvalorização das famílias e, portanto, deveriam ser evitados pelas Filhas de Maria. Assim, se pretendia controlar as transformações culturais em curso, moralizando não somente as jovens, mas toda uma sociedade. Neste ponto, encontravam-se os bailes, pois as danças que se tem visto neles, são

¹⁶¹ A MODA corruptora. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 8, n. 1, jan. 1920. p. 10-11.

¹⁶² A MODA sem freios. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 7, n. 3, mar. 1919. p. 35.

uma das maiores calamidades do nosso seculo e que tem tomado ultimamente, uma feição assás característica, estereotypando, com nitidez apavorante, a immoralidade dos nossos costumes.

Aliás a dança deixou de ser a diversão honesta para se transformar num passatempo escandaloso, encobrendo com as roupagens do conceito que teve no passado, as infâmias que em nossos dias se praticam.

Refiro-me á dança “profunda e descaradamente sexual”, no dizer de Franco da Rocha, transplantada do “cabaré” para os clubes recreativos e destes para o seio das mais recatadas famílias, sem a menor alteração possível¹⁶³.

O cinema foi outro meio de comunicação bastante combatido pelo clero recifense, pois era tido como o grande difusor de relacionamento sexual mais nítido, por causa das exhibições de cenas de abraços e beijos, sendo um instrumento de propagação da perversidade, o que lhe caracterizava como um ambiente indesejável e, portanto, desaconselhado às Filhas de Maria. Por isto, tornou-se alvo de ataque da política normatizadora da Igreja Católica, pois estava disseminando a imoralidade e a desvalorização da família.

Não é a primeira vez que levantamos a voz contra aquellas empresas cinematographicas, que, pela sua gana de lucros, offerecem fitas indecentes, cujas scenas violentas e escandalosas abalam os nervos e excitam a phantasia dos espectadores.

E os Paes de familia? E as mães o que fazem? Que cuidados tomam para com os filhos e filhas? E os governos? É tempo de reagir, levantar a voz e protestar contra este abuso e esta traição horrível.

Entretanto urge tomar uma providencia contra os abusos dos cinemas. É preciso preservar, salvar a mocidade, as creanças e especialmente a mulher. E isto pela paz das familias, pela integridade da sociedade e da patria¹⁶⁴.

Como podemos observar, nas matérias acima citadas, a sensação de liberdade de pensar e escrever que passava pelo discurso dos líderes eclesiásticos, parece não passar de um meio encontrado pela Igreja Católica para enquadrar as jovens no modelo idealizado pela mesma, no qual, as Filhas de Maria simbolizavam a luta das *Marias* para não se tornarem *Evas*.

¹⁶³ BARROS, José de. A immoralidade das danças. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 10, n. 11, nov. 1922. p. 188.

¹⁶⁴ MAX. Cinemas. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 4, n. 10, p. 122, out. 1916. p. 122-123.

Por fim, não podemos deixar de reconhecer que, durante o período compreendido entre 1913 e 1922, a revista *Maria* foi um dos periódicos católicos que mais correspondeu aos objetivos da *boa imprensa*, pois, através do sexo feminino, não só manteve as tradições católicas, como também as reproduziu na sociedade recifense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscamos narrar e analisar a participação das Filhas de Maria na imprensa católica no período compreendido entre 1902 e 1922, na cidade do Recife. Naquele momento, a sociedade recifense passava por diversas transformações políticas, sociais e culturais, as quais estavam imbricadas com o processo de modernidade. Juntamente com estas mudanças, aumentaram as oportunidades de lazer, com cinemas, teatros, clubes recreativos etc., assim, paulatinamente, a vida cotidiana foi deixando para trás o espaço privado em busca do espaço público.

O crescimento destes meios de comunicação chamou a atenção da Igreja Católica, a qual se mostrou contrária a eles devido à possível imoralidade que poderia ser propagada pelos mesmos. Em concordância com os religiosos, estava uma parcela da elite recifense, que desejava delimitar seus espaços sociais e estabelecer seus próprios modelos de comportamento e de família. Através de diversos argumentos, principalmente os de cunho moral, os discursos dos membros da alta sociedade se atrelaram ao discurso da Igreja Católica, no sentido de consolidar um novo modelo normativo de família. Uma das principais propostas destes poderes foi a do incentivo à escolha do modelo da família nuclear, como família ideal, cristã e cidadã, modelo no qual caberia ao homem prover o sustento da família, e à mulher cuidar do lar e educar os filhos.

Naquele período, a Igreja também intensificou a participação de leigos em seus trabalhos, criando diversas associações religiosas, para ambos os sexos. Essas associações deveriam facilitar a comunicação dos líderes eclesiais com a população e, ao mesmo tempo, dinamizariam os trabalhos desenvolvidos pelos padres em suas paróquias. Para o público masculino, as associações representavam uma oportunidade para entrar na política, devido à grande visibilidade que as mesmas tinham na sociedade; já para o feminino, estas significavam assumir uma identidade na vida social.

Em junho de 1902, foi realizado na cidade do Recife, o Primeiro Congresso Católico de Pernambuco, durante o qual, entre outras coisas, debateu-se a importância das associações religiosas para a defesa e a propagação dos bons costumes e da doutrina católica. Entre os temas discutidos no evento, estavam a

criação de associações religiosas para leigos e a *boa imprensa* no Estado. A formação destas associações foi analisada pelo Padre Alberto Teixeira Pequeno, numa conferência intitulada *Obras de preservação da mocidade estudiosa. Circulos Catholicos. Congregações Marianas*; a questão da *boa imprensa* foi debatida pelo senador Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos, o qual proferiu a palestra *Imprensa – Meio pratico de fundação de um jornal catholico na diocese*.

Ao final do evento os congressistas pronunciaram-se pela criação e expansão de associações religiosas para ambos os sexos; entre as quais, a Pia União das Filhas de Maria, destinada às jovens, com o objetivo de prepará-las e educá-las para serem boas filhas, esposas e mães. Também ficou deliberada a criação de um jornal católico para o Estado, que deveria defender e propagar a doutrina, a moral e os bons costumes da Igreja Católica, objetivo que foi alcançado depois de apenas quatro anos, quando começou a circular o jornal *A Tribuna*, que se tornou o periódico mais representativo da *boa imprensa* em Pernambuco.

A Pia União das Filhas de Maria foi um dos principais instrumentos utilizados para a normatização da mulher católica, pois as suas sócias deveriam servir de exemplos para toda a sociedade. Portanto, as jovens que dela faziam parte, tinham que observar um conjunto de regras devocionais e comportamentais a serem seguidas, as quais iam desde a hora que levantavam até a hora que iam dormir.

Na cidade do Recife, as Filhas de Maria, não só se destacaram por serem exemplos de pureza, castidade e devoção, mas, também, por terem se empenhado para a propagação da imprensa católica. A participação destas jovens, na divulgação do jornal *A Tribuna*, foi tão significativa, que poucos anos depois de terem iniciado seus trabalhos em prol deste jornal, elas conquistaram o direito de publicar o seu próprio periódico, a revista *Maria*.

A revista *Maria* foi um dos mais importantes meios de comunicação, utilizados pela Igreja Católica para normatizar o público feminino, especialmente o das associadas das Pias Uniões das Filhas de Maria. As publicações desta revista eram quase que exclusivamente voltadas para a propagação da devoção mariana e para a normatização das jovens. O seu corpo editorial era composto exclusivamente pelo sexo masculino, quase todas as matérias eram assinadas por homens; estas serviam para comunicar as atividades que tinham sido ou que viriam a ser realizadas, tanto pelo clero quanto pelas associações de Filhas de Maria.

Examinando um a um todos os artigos publicados em *Maria*, durante o período por nós estudado, chegamos à conclusão de que a publicação de matérias assinadas por mulheres foi, na verdade, ínfima: os escritos de próprio punho das Filhas de Maria se resumiam, quase que exclusivamente, a poemas devocionais; os poucos textos que não foram produzidos em versos, reproduziam apenas o discurso normatizador propagado pelos homens.

Portanto, consideramos que a participação das Filhas de Maria na *boa imprensa*, na capital pernambucana, entre os anos de 1902 e 1922, deu-se bem mais pela propagação desta imprensa do que pela elaboração de escritos. Fomos, então, obrigados a abandonar o projeto original, que era voltado para o estudo do pensamento das Filhas, expresso em textos por elas escritos e publicados.

Por fim ressaltamos que a existência de uma revista, publicada para o sexo feminino, naquele período, mesmo tendo a sua redação formada por homens, e suas matérias elaboradas também por homens, não deixa de representar uma vitória para as mulheres católicas da época, pois elas conquistaram um espaço na imprensa, em um momento em que a participação da mulher era dificultada e até mesmo negada, fosse ela religiosa ou leiga.

REFERÊNCIAS

ACÇÃO Catholica Feminina. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 13, n. 4, p. 01, 30 jan. 1919.

ACÇÃO Social Catholica Feminina: A favor da imprensa catholica. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 13, n. 1, p. 02, 09 jan. 1919.

ALLARIA, Anthony. Peter de Honestis. **The catholic encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, vol. 11, 1911. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/11766a.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2010.

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. **Meios de comunicação católica na construção de uma ordem autoritária: 1907/1937**. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. 264 p.

AMARAL, Mons. Marcolino P. do. A grande romaria: convite religioso. **Jesus redemptor**. Jesus Christo vence! Jesus Christo reina! Jesus Christo impera!, Recife, p. 2, 4 nov. 1900.

ANDRADE, Maria Lucelia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a terra”**: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. 232 p.

ANGELUS. A-B-C das Filhas de Maria. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 5, n. 2, p. 195, fev. 1917.

ASSOCIAÇÕES. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 6, n. 42, p. 01, 09 nov. 1912.

AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 101-134.

BARROS, José de. A immoralidade das danças. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 10, n. 11, p.188, nov. 1922.

BARROS, Dom José Pereira da Silva. Approvação do exmo. e revmo. sr. bispo de Pernambuco. **Manual da Pia União das Filhas de Maria**: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 07-09.

A BOA imprensa e as Filhas de Maria. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 5, n. 27, p. 01, 08 jul. 1911.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BRION, Ioneide Maria Piffano. **As Filhas de Maria**: Uma história social da Pia União. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2009. 112 p.

BRITO, Dom Luiz Raimundo da Silva. Discurso. **Annaes da obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d' A Província, 1902. p. 15-20.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar**: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956. Recife: FASA, 2009. 212 p.

CONFEDERAÇÃO das Associações Catholicas: Sessão feminina. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 12, n. 38, p. 01, 03 out. 1918.

CONFEDERAÇÃO Catholica: Sessão das senhoras. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 15, n. 5, p. 02, 03 fev. 1921.

CONFEDERAÇÃO das Filhas de Maria da arquidiocese de Olinda e Recife. **Rezando e cantando com Maria**: 75 anos. 4. ed. Recife [s/n], 2007. 80 p.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890 – 1914**: No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 176 p.

CASTRO, Pe. Jeronimo Pereira de. **Santa Catarina Labouré e a medalha milagrosa**. Petropolis: Vozes, 1951. 263 p.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Sexualidade e poder na belle époque de Porto Alegre**. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 1994. 127 p.

ESPOSA. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 09, p. 01, 14 mar. 1914.

A FAMILIA. **A Família**: Orgão litterario, noticioso e evolucionista. Recife, ano 1, n. 01, p. 01, 01 dez. 1910.

AS FILHAS de Maria. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 5, n. 26, p. 01, 01 jul. 1911.

FONTE, Guiomar de Sá. A Filha de Maria. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Recife, ano 13, n. 6, p.117-119, jun. 1925.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003. 80 p.

_____. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977. 277 p.

GIL, Benedito Miguel. **Os cursilhos e a reprodução do catolicismo europeu nas Américas**. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/bmgil/trabal03.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2009.

HISTÓRIA. Arquidiocese de Olinda e Recife. Disponível em:
<<http://www.arquidioceseolindarecife.org.br/hitoria.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2009.

HOBBSAWN, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 325 p.

LEÃO XIII. Sobre a imprensa. **Documentos pontifícios**. Petrópolis: Vozes, 1959. 31 p.

LIMA, Alessandro. **Apostolado Veritatis Splendor**: Livro I – Das normas gerais. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/article/3776>>. Acesso em 20 mar. 2010.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (Sel. e Introd.). **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983. 199 p.

MÃE Christã. **Tribuna Religiosa**: Órgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 02, p. 01, 24 jan. 1914.

MANUAL da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. 638 p.

MAX. Cinemas. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 4, n. 10, p. 122-123, out. 1916.

MICELI, Sergio. A gestão diocesana na República Velha. **Revista religião e sociedade**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 92-111, 1998.

A MODA corruptora. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 8, n. 1, p. 10-11, jan. 1920.

A MODA sem freios. **Maria**: Revista das Filhas de Maria. Olinda, ano 7, n. 3, p. 35-36, mar. 1919.

O MOMENTO. **Tribuna Religiosa**: Órgão oficial da archidiocese de Olinda. Recife, ano 6, n. 34, p. 01, 14 set. 1912.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Volume VII. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1975. 424 p.

NOSSA Senhora das Graças da medalha milagrosa. Disponível em:
<<http://www.paginaoriental.com/santos/nsgrac2711.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religião e dominação de classe: o caso da “romanização”. In: _____ (Org.). **Religião e dominação de classe**: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 167-187.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993. 148 p.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 278-321.

PEQUENO, Pe. Alberto Teixeira. Obras de preservação da mocidade estudiosa. circulos catholicos. Congregações Marianas. **Annaes da obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d' A Província, 1902. p. 237-311.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008. 190 p.

A PROPAGANDA. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 6, n. 1, p. 01, 06 jan. 1912.

QUE pensam ellas?. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da archidiocese de Olinda. Recife, ano 8, n. 39, p. 01, 31 out. 1914.

RABELLO, Fausto. A suggestiva escola do crime. **A Razão**: Orgão independente. Recife, ano 2, n. 11, p. 01, 02 jan. 1921.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209 p.

A REVISTA Maria. **A Tribuna**: Hebdomadário catholico. Recife, ano 17, n. 11, p. 04, 22 mar. 1923.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e modernidade no Maranhão, 1889-1922**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 173 p.

SANT'AGNESE. Disponível em: <<http://www.enrosadira.it/santi/a/agnese.htm>>. Acesso em: 21 out. 2009.

SESSÃO solemne de abertura do Primeiro Congresso Catholico de Pernambuco. **Annaes da obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d' A Província, 1902. p. 12-14.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à libertação**: O discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988. 404 p.

SUB tegmine fagi. **Tribuna Religiosa**: Orgão official da Archidiocese de Olinda. Recife, ano 5, n. 5, p. 2, 4 fev. 1911.

VASCONCELOS, Albino Gonçalves Meira de. Imprensa: Meio pratico para de fundação de um jornal catholico na diocese. **Annaes da obra dos congressos catholicos em Pernambuco**. Primeiro congresso. Recife: Empreza d' A Província, 1902. p. 301-311.

VERGONHOSO e deprimente. **O Dia**: Orgão da matriz da Piedade. Recife, ano 2, n. 09, p. 02, 26 mai. 1921.

APÉNDICE

APÊNDICE A

Hino das Filhas de Maria* (Letra e música de Maria José Amarante)

Ó Mãe querida, a vossos pés um dia,
Quisemos nosso amor vos consagrar.
Somos Filhas devotas de Maria.
Assim juramos junto ao vosso altar!
Cada uma de nós a vós pertencer,
Guardai-nos sempre em vosso coração.
E nesse puro amor que tudo vence
Encontraremos força e proteção!

Coro: O Brasil, nas estrelas do cruzeiro,
O nome de Maria vê brilhar,
No coração do povo brasileiro,
O vosso amor, ó Mãe há de reinar. (bis)

A fita azul será nossa bandeira,
Penhor do vosso puro e santo amor.
A medalha que é a nossa companheira,
Aumentará em nós sempre o fervor.
Se nas lutas faltar-nos a coragem,
O vosso amor virá nos socorrer,
Beijando na medalha a doce Imagem,
Da mãe querida havemos de vencer!

* FONTE: CONFEDERAÇÃO das Filhas de Maria da arquidiocese de Olinda e Recife. **Rezando e cantando com Maria**: 75 anos. 4. ed. Recife [s/n], 2007. p. 62-63.

APÊNDICE B

Hymno de Santa Ignez**

Ó Ignez , a ti se eleve
D'estas filhas a homenagem,
Que na mais terna linguagem
Ao teu culto vem prestar:
Tu que és nossa protectora
Junto ao throno de Maria,
Nossas supplicas lhe envia,
P'ra seus dons nos alcançar.

*Côro: Ó Ignez, somente um voto
Ás tuas aras nos conduz,
Como tu, só desejamos,
Ser esposas de Jesus.*

Aos treze annos de idade
Já vencias ao tyranno,
Que te arma embuste e engano
Para conquistar-te o amor;
Mas amante da pureza
E de Jesus protegida,
Não déste a menor guarida
Aos ardis do tentador.

Aos mentidos simulacros
Recusaste culto indigno,
E por isso o algoz maligno
Co'a nudez te injuriou;
Mas entre o esplendor e o brilho
De uma aureola celeste,
Divinal candida veste,
Os teus membros adornou.

Entre as chammass da fogueira,
Que p'ra te queimar se acende,
Te protege, te defende
Com seu manto um cherubim.
E logo as fragoas se espalham
Sobre as turbas violentas,
E sobre a pyra te assentas
Como em rósido jardim.

Como a flôr que nas campinas
Desabrocha pura e bella,
Sem receiar da procella
Os tufõe e vendavaes;
Assim tu robusta e candida
Entre os barbaros tyrannos
Sem temor vences seus damnos
Arrostando os vis punhaes.

Qual rochedo entre os marulhos,
Foste invicta, ó Virgem forte,
Abraçando a propria morte
Como um thalamo nupcial:
Qual pombinha sobre a terra,
Adejaste o vôo sidéreo,
Foi de luz um raio ethereo
Tua pureza virginal.

Da tua candura o brilho
Torne puro o nosso affecto;
Só a virtude seja o objecto
Da nossa predilecção.
E por premio da victoria,
Dissipadas nossas dôres,
Da tua gloria entre os fulgores,
Nos conduz a essa mansão.

** FONTE: Manual da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 622-623.

APÊNDICE C

Oração a Santa Ignez^{***}

I. – Ó gloriosa Santa Ignez, perfeito modelo de virtude! por essa fé viva com que fostes animada desde a mais tenra idade e que tão agradável vos tornou a Deus, que vos julgou digna da corôa do martyrio, obtendenos a graça de conservarmos intacta nos nossos corações a fé catholica de nos mostrarmos sinceramente christãs, não só em palavras, mas tambem em obras, afim de que, depois de termos confessado Jesus Christo deante dos homens, mereçamos receber d'elle um testemunho favoravel deante do seu Pae. – *Padre Nosso, Ave Maria, Gloria.*

II. – Ó celebre Santa Ignez, martyr invencivel! quando o impio governador romano vos condemnou a vêrdes manchado e calcado aos pés o lirio da vossa pureza, vós, sem receio e sem terror, puzestes toda a vossa confiança em Deus, que envia seus Anjos em auxilio d'aquelles que n'Elle esperam. Por essa confiança no auxilio divino, com que vos assignalastes, vos supplicamos que intercedais por nós e nos obtenhaes de Deus a graça de conservarmos com zeloso cuidado essa virtude no nosso coração, afim de que, a tantos peccados commettidos, não accrescentemos o abominavel peccado da desconfiança na misericordia divina. – *P. N., A. M., Gl.*

III. – Ó purissima Santa Ignez, virgem corajosa! era tão ardente a caridade que abrazava o vosso coração, que o fogo das pyras e dos prazeres impuros, com o qual os inimigos de Jesus Christo vos queriam perder, não pôde prejudicar-vos na minima coisa. Por esse ardente amor, obtende-nos de Deus que toda a chamma impura se extinga em nosso coração e n'elle só arda o fofo que Jesus Christo veio trazer á terra, afim de que, depois de termos passado uma vida sem mancha ma pratica d'esta bella virtude, possamos participar da gloria que vós merecestes pela pureza de vosso coração e pelo martyrio. – *P. N., A. M., Gl.*

*** FONTE: Manual da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 423-424.

APÊNDICE D

Approvação do Excmo. e Revmp. Bispo de Pernambuco ****

Depois de ter feito examinar o presente *Manual* e de receber o juízo de pessoa muito competente, havemos por bem approval o para ser publicado, convencido que concorrerá muito não só para propagar, como para afervorar a devoção a Nossa Senhora, Rainha das Virgens e refugio de todos os peccadores.

Desejando ardentemente que a devoção da mocidade pelo culto da Immaculada se propague por toda esta diocese de modo uniforme, não podemos encontrar expressões mais adequadas para fallarmos aos rev.^{os} Parochos do que referendio-lhes o que disse semelhante respeito aos Parochos da Archidiocese de Perugia em 1866 o grande e immortal Pontifice, o Papa Leão XIII, nas seguintes palavras:

“Em Roma, na parochia de Santa Ignez, fora dos muros acha-se erecta a *Pia União das Filhas de Maria*, que o Parocho poz sob a tutela e protecção de Santa Ignez, Virgem que aos treze annos soffreu o martyrio, e, não obstante a sua tenra idade, mostrou, como diz Santo Ambrosio, que já era mestra de virtudes, e serve de exemplo luminoso para as donzellas; porquanto superou n’ella aos annos a devoção, a virtude foi mais do que natural, de modo que, não sendo ainda idonea para soffrer, já se achava propecta para a victoria. O Summo Pontifice (Pio IX) não só elogiou esse acto d’aquelle Parocho, como ainda enriqueceu de mutissimas indulgencias a Pia União, elevando-a á honra e categoria de *Primaria*, e dando ao Parocho de Santa Ignez, *pro tempore*, a faculdade de aggregar a ella os demais Sodalicios do mesmo genero erectos canonicamente em qualquer parte do mundo, com prévio consenso do Bispo local, e de communicar-lhes perpetuamente todas as indulgencias e privilegios de que goza a dita *Primaria*; faculdade esta que foi depois confirmada com um amplissimo Decreto da Sagrada Congregação das Indulgencias.

“Estas Pias Uniões erectas ou por se erigirem, com o nome de *Filha de Maria Immaculada*, sob o patrocínio de Santa Ignez, não são outra coisa mais do que Sodalicios de donzellas que se dedicam ao serviço da Virgem Immaculada, sua celeste Padroeira, e cujo intento é esforçarem-se pela guarda dos bons costumes e pelo fiel cumprimento dos seus sagrados deveres: para esse fim seguem as normas approvadas pela Santa Sé, levando a medalha de Maria Immaculada, como attestado de terem sido admittidas na Pia União. Sobre o que convem notas: 1. ° que as donzellas inscriptas na Pia União de nenhum modo ficam obrigadas a algum voto; 2. ° que o regulamento da mesma não as obriga em consciencia debaixo de culpa, nem grave, nem leve; 3. ° que ás associadas nada é imposto fora do que ordenam Jesus Christo e a Santa Madre Igreja; porém que, desejando obter o seu fim, devem empregar todo cuidado, para que, livres da escravidão do mundo, alcancem a liberdade christã, levando o dôce e suave jugo do Evangelho sob as bandeiras e o patrocínio de Maria Immaculada.

“Já em nossa Diocese existem algumas d’estas Pias Uniões; e aquelles dos rev. os Parochos que as conhecem por experiencia, n’ellas acham motivos de

**** FONTE: Manual da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 7-9.

grandissima alegria; pois que, assim como nos jovens, que vivem segundo o espirito do seculo, se vêem exemplos de malicia e de escandalo, assim nas Filhas de Maria admiram a integridade de costumes, a modestia, a mansidão, a diligencia no cumprimento dos proprios deveres e um grande amor á piedade e á religião. Taes exemplos de virtude servem admiravelmente para incitar os animos á imitação; e d'este modo, a despeito do mundo, diffunde-se por parte o *bom odor de Christo para edificação do seu corpo mystico*.

“Em vista do que, exhortamos calorosamente aos rev.^{os} Parochos, que nos auxiliem no múnus de apascentar as ovelhinhas de Christo, e que em suas parochias erijam estas fecundas sementeiras de virtude, nas quaes as donzellas se tornam, como diz S. Bernardo, simples na malicia e prudentes nas boas obras.

“Dos cuidados e fadigas que empregarem em favor d'esta pia e santa instituição, todos hão de tirar muita alegria e prazer, porquanto não poderão deixar de produzir senão ricos e copiosos fructos de virtude as plantas de tão generosa seiva, que crescerem no vergel do Sodalicio Mariano.

“Os rev.^{os} Parochos, pois, que quizerem secundar os nossos votos e exhortações, nol-o manifestem que da melhor vontade indicar-lher-hemos o modo que deverão seguir na instituição de tão santa obra.”

Recebam os rev. os Parochos essas significativas palavras como se lhes fossem dirigidas: inspirem-se no zelo do Santo Padre e dediquem-se á propagação d'estas Pias Uniões em suas freguesias, certos de que com ellas conseguirão reanimar o fervor dos tibios, fortificar o desanimo dos fracos, restaurar a pratica da virtude e da piedade no lar domestico, e d'este modo chamar o povo christão á frequencia do templo e á observancia dos preceitos do Senhor.

Exhortando-os ao cumprimento d'este nosso desejo de ver em toda Diocese estabelecidas as Pias Uniões das Filhas de Maria, desde já invocamos aos céos que abeçoem e enriqueçam de suas graças todos aquelles que para isso contribuirem, na medida do seu zelo e das suas forças, aos quaes igualmente enviamos a nossa benção pastoral.

Palácio da Soledade, 6 de agosto de 1886 festa do SS. Salvador.

JOSE, Bispo diocesano.

APÊNDICE E

Indulgencias e privilegios ^{*****}

I. Indulgencias plenárias

1 – No dia em que as associadas são recebidas na Pia União como Aspirantes admittidas como Filhas de Maria, se verdadeiramente contritas se tiverem confessado e commungado n'esse dia. (*Pio IX e Leão XIII*).

2 – Em artigo de morte, com tanto que verdadeiramente contritas, se tenham confessado e commungado, ou, não o podendo fazer, ao menos contritas, invocarem, devotamente e do coração, o Santíssimo Nome de Jesus.

3 – Nas festividades do Natal e Ascensão do Senhor, se tiverem cumprido as condições mencionadas no n.º 1 e visitarem a igreja ou capella da Pia União, ou caso de não o poderem fazer pela distancia, qualquer outra igreja ou capella publica e ahi orarem pela concórdia entre os principaes christãos, pela extirpação das heresias e schismas e pela exaltação da Santa Igreja.

4 – As duas festividades da Pia União, isto é, da Immaculada Conceição da Virgem Maria e da Santa Ignez, Virgem e Martyr.

5 – Nas festas da Natividade, Annunciação, Purificação e Assumpção de Nossa Senhora.

6 – Na solemnidade deo Santo Rosario de Nossa Senhora.

7 – Na solemnidade de Todos os Santos.

8 – Uma vez por mez, em dia á escolha, em que verdadeiramente arrependidas e confessadas, fizerem a Sagrada Communhão, e visitando a igreja ou capella da Pia União, n'ella orarem pelas intenções acima indicadas (n.º 3), com tanto que não falem ás reuniões que se fizerem durante o mez.

9 – Finalmente, se com devoção assistirem aos exercicios espirituaes, ou retiro, que se costumam fazer todos os annos na Pia União, ao menos mais de metade do tempo que estes exercicios durarem, cumprindo as condições expostas nos n. os 1 a 3, isto é confessando-se, commungando, visitarem a igreja ou capella da Pia União, então o podendo fazer pela distancia, outra igreja ou capella publica, e ahi orarem segundo as intenções da Santa Igreja.

II. Indulgencias parciaes

As associadas que, ao menos de coração contrito, visitarem a igreja da Pia União, ou qualquer oratorio publico, e ahi orarem, segundo já foi dito no n.º3, poderão lucrar a indulgencia de sete annos e outras tatás quarentenas em todas as demais festas de Nossa Senhora durante o anno (*Decreto de 18 de setembro de 1862*), a saber:

***** FONTE: Manual da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. p. 34-44.

10 – Na festa das Dôres de Nossa Senhora (*na sexta-feira da semana da Paixão*).

11 – Na festa da Visitação (*2 de julho*).

12 – Na festa de Nossa Senhora do Carmo (*16 de julho*).

13 – Na festa de Nossa Senhora das Neves (*5 de agosto*).

14 – Na festa do Santo Nome de Maria (*domingo dentro da oitava da sua Natividade*).

15 – Na segunda festa das Dorês (*terceiro domingo de setembro*).

16 – Na festa de Nossa Senhora das Mercês (*24 de setembro*).

17 – Na festa da Apresentação de Nossa Senhora (*21 de novembro*).

III. Outras indulgencias parciais

As mesmas associadas poderão ainda lucrar a *indulgencia de sessenta dias* por qualquer boa obra que praticarem, segundo o espirito da Pia União, a saber:

18 – Se assistirem aos officios divinos, prégações, exhortações e quaesquer devoções que se fizerem nas reuniões semanaes.

19 – Se intervierem nas reuniões em que se trata da admissão de alguma candidata, ou da eleição das associadas para algum cargo, ou de negocios da Pia União.

20 – Se ouvirem missa nos dias semanaes ou uteis.

21 – Se visitarem o SS. Sacramento e orarem á Santissima Virgem e a Santa Ignez ao menos na sua habitação, não podendo ir a Igreja.

22 – Se recitarem os cinco psalmos em honra do Nome de Maria, ou a Corôa da Immaculada Conceição, ou tres *Ave-Marias*, e um *Padre Nosso* em honra de Santa Ignez.

23 – Se cantarem hymnos em honra de Nossa Senhora, abstendo-se de cantos profanos.

24 – Se forem diligentes em fazerem todos os dias a meditação, a leitura espiritual e o exame de consciencia.

25 – Se praticarem as virtudes christãs, principalmente a *caridade*, a *pureza*, a *humildade* e a *obediencia*.

26 – Se desviarem o proximo do mal com saltares admoestações ou com orações.

27 – Se consolarem os afflictos e procurarem reconciliar os inimigos.

28 – Se ao som do sino pela morte de alguma associada ou de qualquer fiel rezarem por sua alma.

29 – Se acompanharem o enterro de alguma associada ou de qualquer outro fiel.

30 – Se visitarem os enfermos ou encarcerarem, ou derem alguma esmola aos pobres.

31 – Se usarem de particular *modestia* no trajar, ou evitarem os bailes, theatros e outras reuniões clamorosas e *divertimentos perigosos*.

32 – Se beijarem devotamente a medalha da Pia União que trouxerem ao pescoço.

IV. Indulgencias das estações

As associadas que, nos dias abaixo determinados, cumprirem as condições expressas no n.º 3, isto é, visitarem uma igreja ou oratório publico (não podendo visitar a igreja ou capella da Pia União) e ahi orarem segundo a intenção do Summo Pontifice, poderão lucrar as indulgencias seguintes, chamadas de estações:

33 – Na Circumcisão e na Epiphania do Senhor e nos domingo da Septuagesima, Sexagemia e Quinquagesima, indulgencia de trinta annos e outras tantas quarentenas.

34 – Na quarta-feira de Cinza e no quarto domingo da quaresma, quinze annos e outras tantas quarentenas.

35 – No domingo de Ramos, vinte e cinco annos e outras tantas quarentenas.

36 – Na quinta-feira santa, indulgencia plenaria.

37 – Na sexta-feira da Paixão e sabbado de Alleluia, trinta annos e outras tantas quarentenas.

38 – Em todos os outros dias da quaresma, dez annos e outras tantas quarentenas.

39 – No domingo de Paschoa, indulgencia plenaria.

40 – Nos dias dentro da oitava da Paschoa até domingo de Pàschoela, trinta annos e outras tantas quarentenas.

41 – No dia de S. Marcos e nos outros tres dias de Rogações, trinta annos e outras tantas quarentenas.

42 – No dia da Ascensão do Senhor, indulgencia plenaria.

43 – Na véspera do Espirito Santo, dez annos e outras quarentenas.

44 – N domingo do Espirito Santo e em todos os outros dias dentro da oitava, trinta annos e outras tantas quarentenas.

45 – Em todos os dias das quatro temporas do anno, dez annos e outras tantas quarentenas.

46 – No 1.º, 2.º e 4.º domingo do Advento, dez annos e outras tantas quarentenas.

47 – No 3.º domingo do Advento e na Vigilia do Natal, quinze annos e outras tantas quarentenas.

48 – No dia de Natal, indulgencia plenária.

49 – Nos dias 26, 27 e 28 de dezembro, trinta annos e outras tantas quarentenas.

V. Indulgencias pelos fieis defunctos e outros privilégios

50 – Todas estas indulgencias podem ser applicadas em suffragio pelos fieis defunctos.

51 – As missas celebradas por qualquer sacerdote no altar da Primaria, ou no de qualquer outra Pia União aggregada á Primaria, em favor de qualquer associada fallecida, suffragam como se fossem celebradas em altar *privilegiado*.

52 – O Rev. P. Ab. Geral dos Conegos Lateranenses e os directores das Pias Uniões gozam das mesmas indulgencias, com tanto que cumpram as condições impostas.

53 – Foi concedida por Sua Santidade Leão XXIII ao Rev. P. Ab. Geral dos Conegos Regulares Lateranenses a faculdade de benzer, na fórmula usual da Igreja, as medalhas que as associadas costumam trazer ao pescoço, como emblema da Pia União, com applicação de indulgencia plenaria *in articulo mortis*.

54 – O Rev. P. Ab. Geral *pro tempore* dos Conegos Regulares Lateranenses foi declarado por S. S. Leão XXIII director geral de todas as Congregações das Filhas de Maria sob o patrocínio da Virgem Immaculada de Santa Ignez, com faculdade de benzer, como acima, as medalhas, em qualquer Pia União, e de a delegar n'aquelles sacerdotes que lh'a pedirem e que forem convidados por elle ou por outros directores para admitir na Pia União as Aspirantes e as Filhas de Maria.

55 – A Primaria e outras Pias Uniões a Ella aggregadas gozam do privilegio de celebrar, nas suas Igrejas ou oratórios, a festa da Immaculada Conceição da Virgem Maria em qualquer dia dentro da sua oitava, á escolha dos respectivos directores, com todas as missas proprias de tal solemnidade. Deve vêr-se, porém, quanto á missa solemne, que não occorra alguma festa de Nossa Senhora, ou festa duplex de primeira classe; e, quanto ás missas rezadas, que não occorra uma dominga ou duplex de primeira ou segunda classe; e nem se omitta a missa parochial ou conventual correspondente ao officio do dia (todas as vezes que haja a obrigação de a celebrar), *observando-se as rubricas e apresentando-se um exemplar do presente indulto na Chancellaria da Curia ecclesiastica da respectiva Diocese, antes da sua execução*.

56 – A mesma Primaria e as outras congregações a Ella aggregadas teem o privilegio de celebrar nas suas igrejas ou oratorios a festa da protectora Santa Ignez, Virgem e Matyr, com todas as missas proprias, em qualquer dia dentro da oitava, á escolha dos respectivos directores; com tanto que, quanto á missa solemne, não ocorra festa duplex de primeira classe; e quanto ás missas rezadas, que não occorra festa duplex de primeira ou segunda classe, ou uma dominga privilegiada; nem se omitta a missa parochial, etc., etc., como acima. Na basílica de Santa Ignez, porém, as missas proprias as Santa podem ser celebradas na dominga detro da oitava em qualquer altar e nos outros dias no altar onde repousa o corpo da Santa.

57 – No dia em que a Pia União realisar as praticas da da *supplica perpetua*, segundo os estatutos da dita obra, podem o director e as congregadas ganhar indulgencia plenaria; e 300 dias de indulgencia em qualquer outro dia do anno, recitando uma <<Ave Maria>> para obter o argumento de fervor em todas as associadas das Pias Uniões adherentes á *Supplica Perpetua*. Ambas as indulgencias são applicaveis ás almas do Purgatorio.

58 – As associadas das Pias Uniões que tiverem sido inscriptas na associação das Filhas de Maria sob o titulo de *Pia Obra para reparar as injurias feitas á SS. Virgem* podem lucrar indulgencia plenaria no dia que lhes for desingnado, commungando e recitando o acto de Reparação; e 200 dias de indulgencia em todos os outros dias em que o recitarem.